

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E
CULTURA**

FERNANDA BRESSAN CAPELINI

**A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA
EM *MATILDA*, DE ROALD DAHL, E *OLIVER
TWIST*, DE CHARLES DICKENS**

CAXIAS DO SUL

2019

FERNANDA BRESSAN CAPELINI

**A REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA LEITORA
EM *MATILDA*, DE ROALD DAHL, E *OLIVER
TWIST*, DE CHARLES DICKENS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras e Cultura, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Cecil Jeanine Albert Zinani

**CAXIAS DO SUL
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

C238r Capelini, Fernanda Bressan

A representação da criança leitora em *Matilda*, de Roald Dahl, e *Oliver Twist*, de Charles Dickens / Fernanda Bressan Capelini. – 2019.

82 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2019.

Orientação: Cecil Jeanine Albert Zinani.

1. Crianças - Livros e leitura. 2. Literatura comparada. 3. Matilda (Obra literária). 4. Oliver Twist (Obra literária). I. Zinani, Cecil Jeanine Albert, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 82.091

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

***A representação da criança leitora em Matilda, de Roald Dahl e
Oliver Twist, de Charles Dickens***

Fernanda Bressan Capelini

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 12 de agosto de 2019.

Banca Examinadora:

Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani
Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

*Dra. Cinara Ferreira Pavani
Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

Dr. Douglas Ceccagno
Universidade de Caxias do Sul

*Dra. Natalia Borges Polessio
Universidade de Caxias do Sul*

Eu tenho paixão por ensinar as crianças a se tornarem leitores, a se sentirem à vontade com um livro, não amedrontadas. Os livros não devem ser assustadores, devem ser engraçados, excitantes e maravilhosos; e aprender a ser um leitor é uma vantagem incrível.

Roald Dahl

RESUMO

Vinte e duas obras de literatura britânica clássica estão citadas em *Matilda*, de Roald Dahl, entre essas está *Oliver Twist*, de Charles Dickens, que foi lida pela personagem Matilda, cujo autor foi o único que teve mais de uma obra citada. Nesse sentido, esta dissertação tem como foco a seguinte questão de pesquisa: Quais são as semelhanças e diferenças na representação da criança leitora em *Matilda*, de Roald Dahl e *Oliver Twist*, de Charles Dickens? A metodologia aqui utilizada é análise das obras *Oliver Twist* e *Matilda*, relacionando aspectos da primeira com a segunda, tendo como base a literatura comparada. A dinâmica da sociedade em torno da questão de literatura e os papéis da criança leitora são enfocados a partir disto. Percebemos semelhanças entre a representação leitora das duas personagens estudadas aqui, sendo uma delas o não incentivo à leitura na fase inicial da infância. Além disso, conseguimos comparar quais aspectos das obras estudadas estão ligados aos períodos em que as obras foram escritas. O conhecimento atingido a partir da bibliografia analisada, pode ser utilizado em outros estudos das áreas da criança leitora e da literatura comparada.

Palavras-chave: Criança leitora. *Matilda*. *Oliver Twist*. Literatura comparada.

ABSTRACT

Twenty-two British Literature classics appear in *Matilda*, by Roald Dahl, amongst them it is *Oliver Twist*, by Charles Dickens, which was read by the character Matilda, whose author was the only one who had more than one book in *Matilda*. Therefore, this paper has as aim the following research question: Which are the similarities and differences in the child reader formation in *Matilda*, by Roald Dahl, and *Oliver Twist*, by Charles Dickens? The methodology used here is the analyses from the books *Oliver Twist* e *Matilda*, linking the first one aspects with the second one, having comparative literature as basis. The society dynamics around the literature issue and the roles of the child reader are focused having this in mind. We have noticed similarities between the reader development in both of the characters studied here. Moreover, we could compare which aspects of the books studied are connected to the historic periods that they were written. The knowledge that was achieved with this may be used in other studies in the child reader and comparative literature fields.

Keywords: Child reader. *Matilda*. *Oliver Twist*. Comparative literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do império Britânico na Era Vitoriana.....	20
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Literatura infantil	42
Quadro 2 - Primeiro Ato – Apresentação	61
Quadro 3 - Segundo Ato – Conflito	62
Quadro 4 - Terceiro Ato – Resolução.....	62
Quadro 5 – Primeiro Ato.....	42
Quadro 6 - Segundo Ato	69
Quadro 7 - Terceiro Ato.....	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS: <i>MATILDA E OLIVER TWIST</i>	16
2.1	SÉCULO XIX: A ERA VITORIANA	17
2.1.1	A Era Vitoriana e <i>Oliver Twist</i>	24
2.2	SÉCULO XX: DÉCADA DE 1980	28
2.2.1	Década de 1980 e <i>Matilda</i>	31
3	A CRIANÇA LEITORA	36
3.1	O PROCESSO DE LEITURA	38
3.2	A LITERATURA INFANTIL	40
3.3	<i>OLIVER TWIST</i> : A CRIANÇA LEITORA NO SÉCULO XIX	44
3.4	<i>MATILDA</i> : A CRIANÇA LEITORA NO SÉCULO XX	46
4	ESTUDO COMPARATIVO: <i>OLIVER TWIST E MATILDA</i>	52
4.1	A RELAÇÃO COM OS ADULTOS	55
4.2	O SUCESSO DOS MENOS PRIVILEGIADOS	60
4.3	LENDO COMO CRIANÇA	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	733
	REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

Ninguém que consegue ler olha um livro, mesmo que fechado em uma estante, como alguém que não consegue ler.

Charles Dickens

A literatura sempre esteve muito próxima. Desde criança, os livros se fizeram presentes em minha vida. Um dos autores que teve grande impacto sobre minha forma de ver o mundo foi Roald Dahl¹, com seu livro *A fantástica fábrica de chocolates* (1964). O estilo de escrita de Dahl me cativou, incentivando a buscar outro livro de sua autoria, *Matilda*² (1988). Pesquisando sobre as duas obras, percebi que havia poucos trabalhos escritos com enfoque na literatura sobre a obra *Matilda*, sendo que quase nenhum desses envolvia o conceito de criança leitora. Foram esses dois aspectos principais que me motivaram a pesquisar mais sobre *Matilda*, de Roald Dahl.

Matilda (1988), obra escrita em meados do século XX, por Roald Dahl, configura-se como uma obra importante para o universo literário infanto juvenil. Ainda que desconhecido por grande parte do público leitor brasileiro, para Rabelo (2014), Dahl é visto por britânicos como um dos maiores autores de literatura infantil. O autor de *Matilda*, segundo Talbot (2005), foi, muitas vezes, desconsiderado por críticos literários, dado o fato de que se identificava com o conto como estrutura narrativa, gênero que era desvalorizado na época da publicação de seus livros.

A obra *Matilda* tornou-se mais conhecida com a adaptação feita para o cinema, produzida pelos estúdios *Jersey Filmes* e ganhadora de cinco prêmios cinematográficos americanos. Em pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, encontramos 1.054 trabalhos que envolvem a obra em estudo, versando especialmente sobre psicologia infantil, *Roald Dahl and Philosophy: A Little Nonsense Now and Then* (MCCLELLAND, 2015), *Children's Responses to Heroism in Roald*

¹ Roald Dahl (1916-1990), nascido no País de Gales, foi também piloto na Força Aérea Real durante a segunda guerra mundial e escreveu vários livros destinados inicialmente a crianças, e após, para adultos, tendo um dia próprio na Grã-Bretanha (13 de setembro). Dahl escrevia de uma maneira própria, muitas vezes retratando adultos como seres que maltratavam crianças. Margaret Talbot (2005) escreveu que os livros de Roald Dahl aparecem regularmente na lista de títulos da Associação Americana de Bibliotecas (American Library Association) na qual os leitores pedem para serem removidos das prateleiras da literatura infantil, já que as crianças apresentadas em suas obras eram mal-comportadas e se vingavam dos adultos.

² As duas obras que serão aqui estudadas possuem o mesmo título e nome de seus personagens principais. Assim sendo, as obras serão grifadas com itálico – *Matilda*, *Oliver Twist* – enquanto as personagens não terão grifo.

Dahl's Matilda (POPE, 2015), *Child Giftedness as Class Weaponry: The Case of Roald Dahl's Matilda* (BEAUVAIS, 2015), entre outros. Não foram encontradas teses ou dissertações em português ou inglês que estabeleçam relações entre a obra *Oliver Twist*, de Charles Dickens e, *Matilda*, a obra aqui analisada.

Em uma leitura contemporânea, é possível afirmar que entre os livros clássicos presentes no enredo de *Matilda*, apenas um autor aparece duas vezes: Charles Dickens³, com as obras *Oliver Twist* (1839) e *Nicholas Nickleby* (1838). Apenas na primeira das obras citadas há uma criança como personagem principal, podendo ter influenciado na representação ficcional do papel social de Matilda, tendo em vista que ela era leitora dessa obra de Dickens.

As duas personagens principais das obras aqui estudadas são leitoras. Matilda torna-se uma sem o incentivo da família. Esse aspecto, muitas vezes, possibilita que ela perceba seu círculo social como diferente daquilo que ela lê em livros. Por sua vez, Oliver, primeiramente não é ao menos alfabetizado na paróquia que foi criado, mas é incentivado à leitura nas duas casas que o acolheram, transformando a sua forma de ver o mundo. O papel da literatura na formação social do ser humano tem sido um tema cada vez mais estudado no meio literário. Para Zilberman (2003), a obra literária é um dos fatores que liga a criança à sociedade, proporcionando percepções e conhecimentos, permitindo a emancipação social. O livro não apenas diverte o leitor infante, como também é um importante meio de aprendizagem. Para a autora,

da coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa seu destinatário emerge a relação entre a obra e o leitor. Pois, quanto mais este demanda uma consciência do real e um posicionamento perante ele, tanto maior é o subsídio que o livro de ficção tem a lhe oferecer, se for capaz de sintetizar, de modo virtual, o todo da sociedade (ZILBERMAN, 2003, p. 27).

Matilda se utiliza da literatura para lidar com as dificuldades que estão presentes em sua vida familiar, lendo não apenas livros literários, mas também livros didáticos. Quando ela começa a estudar na escola, já está mais avançada nos

³ Charles John Huffan Dickens (1812 – 1870) foi um dos romancistas ingleses mais populares na Era Vitoriana. Dickens escrevia obras de crítica social, nas quais fazia comentários ferozes sobre uma sociedade que convivia com más condições de vida e pobreza extrema. O autor procurava, acima de tudo, o entretenimento do leitor e não o realismo literário. Foi autor das famosas obras *Nicholas Nickleby* (1838) e *Grandes Esperanças* (1861). (CASENKA, 2016).

conteúdos que os colegas de classe, porque tinha mais contato com leitura, didática ou não, do que eles. Algo semelhante acontece com *Oliver Twist*. As obras garantem que ele tome conhecimento dos mais diversos assuntos sociais, históricos e matemáticos.

Para analisar a questão da representação da criança leitora nas duas obras, utilizaremos conceitos da literatura comparada. Segundo Carvalhal (2005) “[...] a literatura comparada se interessa sobretudo por relações, pela literatura e pela cultura como lugares de relação”. Não apenas o texto literário em si deve ser analisado, mas também, o tempo e o local em que ele foi escrito. É importante apontar aqui o papel do leitor como autor e do autor como leitor, já que o papel de um interfere no do outro. Ainda segundo a estudiosa,

na literatura comparada, a ênfase na figura do leitor e os significados encontrados para seus procedimentos em relação aos textos, introduziu importantes modificações conceituais. No horizonte comparatista está “o autor enquanto leitor” e a conhecida noção de “fusão de horizontes” se redimensiona, pois ao horizonte primeiro se agrega o horizonte de uma cultura diversa daquela a que a obra agora se inscreve: é uma metainterpretação. Os conhecimentos de hermenêutica aplicados à literatura comparada favorecem a redefinição de muitas de suas atuações (CARVALHAL, 2005, p. 177).

Uma situação que nos faz crer na relação entre uma obra e outra é o fato de que Matilda, em um dos momentos de sua trajetória literária, cria uma lista⁴ de livros que já tinha lido até então. De acordo com Petzold:

Primeiramente, Dickens é o único autor que aparece duas vezes na lista de leitura de Matilda; os hábitos de leitura de Matilda relembram o próprio Dahl,

⁴ “Durante os seis meses seguintes, sob o olhar atento e solidário da sra. Felps [bibliotecária amiga de Matilda], Matilda leu os seguintes livros:

Nicholas Nickleby, de Charles Dickens

Oliver Twist, de Charles Dickens

Jane Eyre, de Charlotte Brontë

Orgulho e preconceito, de Jane Austen

Tess, de Thomas Hardy

Kim, de Rudyard Kipling

O homem invisível, de H. G. Wells

O velho e o mar, de Ernest Hemingway

O som e a fúria, de William Faulkner

As vinhas da ira, de John Steinbeck

Os bons companheiros, de J. B. Priestley

O condenado, de Graham Greene

A revolução dos bichos, de George Orwell” (DAHL, 1988, p. 12)

que reivindicou ter lido, entre outros livros da literatura adulta ocidental 'todos do Dickens' antes de seus dez anos⁵ (PETZOLD, 1992, p. 187).

Nesse contexto, o tema desta dissertação está relacionado à representação da criança leitora. Assim, o objeto deste estudo é a investigação de como é representada a representação da criança leitora em *Matilda*, de Roald Dahl, tendo em vista a leitura da obra *Oliver Twist*, de Charles Dickens, feita pela protagonista, com base na literatura comparada.

Na obra de Dahl aqui analisada, a literatura ajuda Matilda a conhecer outros lugares, ampliando sua experiência de mundo, possibilitando que muitos dos seus melhores momentos em casa sejam em companhia de livros, como podemos ver na seguinte passagem:

Os livros a transportavam para mundos novos e a apresentavam a pessoas diferentes, que viviam vidas incríveis. Matilda navegou em veleiros antigos com Joseph Conrad. Foi para a África com Ernest Hemingway e para a Índia com Rudyard Kipling. Viajou pelo mundo todo, sentada em seu quatinho, numa cidadezinha inglesa (DAHL, 2010, p. 25).

Desse modo, o objetivo principal desta dissertação de mestrado é investigar quais aspectos da obra *Oliver Twist*, de Charles Dickens podem ter influenciado na representação da criança leitora representada na personagem título da obra *Matilda*, de Roald Dahl. Destacamos ainda que os objetivos específicos que servirão de guia para esta pesquisa são: examinar os contextos socioculturais apresentados nas obras *Matilda* e *Oliver Twist*, reconhecer as configurações de identidade da criança leitora evidenciadas nos espaços social e cultural presentes nessas obras e examinar como o livro *Oliver Twist*, de Charles Dickens, é retomado com comportamentos e atitudes da criança representados na obra *Matilda*.

A presente dissertação está estruturada em cinco partes, a primeira delas, a Introdução, e a última, as Considerações Finais. Inicialmente estudaremos os períodos históricos das obras que serão analisadas, para compreender o funcionamento da educação e a participação da leitura na vida das crianças. Para atingir os objetivos propostos. O primeiro capítulo, "Contextos socioculturais: *Matilda* e *Oliver Twist*" será dividido em dois subcapítulos que explanarão consecutivamente

⁵ "First, Dickens is the only writer to appear twice on Matilda's reading list; in her reading habits Matilda seems to resemble Dahl himself, who claimed to have read, among many other classics of Western adult literature, "all of Dickens" before the age of ten." – As traduções presentes nesta dissertação são de inteira responsabilidade da autora.

o contexto do século XIX, cenário da obra *Oliver Twist*, e o contexto dos anos 80 do século XX no qual o enredo de *Matilda* ocorre.

O segundo capítulo, “A criança leitora”, versará sobre a criança como ser leitor e será dividido em quatro subcapítulos. Exploraremos primeiramente o processo de leitura e após a história da literatura infantil no mundo. Por último analisaremos as características da criança leitora no século XIX e nos anos 80 do século XX, tendo em vista as duas personagens principais das obras. Propomos aqui que os hábitos leitores e os incentivos à leitura em ambos os contextos sejam estudados.

O terceiro capítulo, “Estudo comparativo: *Matilda* e *Oliver Twist*”, apresentará um estudo por meio da literatura comparada das duas obras aqui abordadas, analisando a relação das personagens principais com os adultos e após, a questão do sucesso dos menos privilegiados, tendo como base a jornada do herói de Joseph Campbell (1995). O capítulo será finalizado com uma retomada ao tópico da criança leitora.

Assim sendo, este estudo justifica-se academicamente, uma vez que pode contribuir para ampliar os estudos sobre literatura, discutindo questões vinculadas à representação da criança leitora, além de comparar as duas obras aqui analisadas e abordar aspectos da literatura comparada.

2 CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS: *MATILDA E OLIVER TWIST*

No mundinho habitado pelas crianças, seja quem for a pessoa que as cria, não há nada que seja percebido com mais clareza, nem sentido com mais profundidade que uma injustiça.

Charles Dickens

Tendo em mente que há expressiva relação entre história e literatura, é essencial que entendamos o contexto sociocultural no qual uma obra literária foi escrita. Zolin (2009) afirma que a literatura é parte de uma conjuntura maior, formada pela sociedade, pela cultura e pelos valores nos quais a obra foi produzida. É relevante

[...] pensar a literatura como um fenômeno diretamente ligado à vida social. Em outras palavras, a literatura não é um fenômeno independente, nem a obra literária é criada apenas a partir da vontade e da inspiração do artista. Ela é criada dentro de um contexto; numa determinada língua, dentro de um determinado país e numa determinada época, onde se pensa de certa maneira; portanto, ela carrega em si as marcas desse contexto. [...] (ZOLIN, 2009, p. 177).

Por esse ângulo, os comportamentos das personagens e até mesmo a forma como agem poderiam ter sido influenciados pela época na qual a obra foi publicada, sendo a literatura um fenômeno ligado ao fator social. Silva (2009, p. 142) aponta que o mais importante não é reconhecer se um livro é autobiográfico ou não, mas sim averiguar se essa obra tem conexão com a realidade social do período em que foi publicada. Nesse sentido⁶, ao tomarmos consciência do contexto sociocultural no qual uma obra foi escrita, conseguimos aprofundar nossos conhecimentos sobre ela.

Uma das obras aqui analisadas, *Oliver Twist*, foi escrita na Inglaterra durante a Era Vitoriana (1837-1901). No século XVIII, período anterior à Era Vitoriana, as vidas dos jovens adultos pertencentes à classe operária eram destinadas, em sua maioria, a trabalhos em minas e fábricas, não deixando tempo livre para que eles frequentassem escolas. Com o Ato das Minas, em 1842⁷, o trabalho infantil foi proibido, e as crianças, aos poucos, começaram a estudar.

⁶ Com isso, também não levaremos em consideração a vida dos autores, e sim, apenas as sociedades nas quais as obras estudadas foram escritas.

⁷ O Ato das Minas, implantado em 1842, foi um divisor de ideais e de formas de ver a sociedade. A Rainha Vitória promulgou essa lei para proibir o trabalho de mulheres e crianças em minas, ou em qualquer lugar em que houvesse carvão, ferro, chumbo e estanho. Esse fator está conectado, também, ao fato de as crianças ocuparem os cargos dos adultos, enquanto esses permaneciam nas ruas ou em tavernas, promovendo desordem. Com o Ato das Minas, mais adultos passaram a ser empregados, diminuindo a agitação nas ruas inglesas. (CHRIST, ROBSON, 2005).

Matilda, por sua vez, foi escrita em um período em que a literatura infantil já existia e estava consolidada. No início do século XX, as crianças eram incentivadas a ler de diversas formas, além de serem proibidas de trabalhar. A literatura já era considerada fator importante na educação das crianças, já que muitas famílias acreditavam que a leitura lhes traria mais conhecimento (CHRIST, ROBSON, 2005). As crianças burguesas eram, então, em sua maioria, incentivadas a ler por suas famílias. Esses e outros aspectos desses contextos socioculturais serão discutidos mais amplamente nos próximos subcapítulos.

2.1 SÉCULO XIX: A ERA VITORIANA

No dia vinte de junho de 1837, na Abadia de Westminster em Londres, a princesa Vitória ascendeu ao trono, tornando-se rainha da Inglaterra. Ela era filha do príncipe Edward e da Princesa Vitoria, de quem herdou o nome. Vitória⁸ se tornou um símbolo de uma era repleta de contradições sociais. A rainha costumava ser associada aos conceitos de seriedade, responsabilidade moral e valores familiares. O reinado dessa monarca durou aproximadamente 63 anos, o que a tornou uma das mais longevas rainhas da Inglaterra. Depois de sua morte,

[...] Henry James escreveu, “Eu estou em luto pela rainha que transmitia segurança e era uma mãe da classe média, que segurou a nação calorosamente debaixo de seu grande e monstruoso xale xadrez escocês.”⁹ (CHRIST, ROBSON, 2005, p. 980).

Henry James, aqui, apenas representa os sentimentos da nação inglesa com a perda da rainha Vitória. Quando a rainha morreu, cresceu uma reação sobre as conquistas dos séculos anteriores, demonstrando o senso de grandeza do período vitoriano. Os valores da época eram refletidos na forma como os cidadãos ingleses se comportavam socialmente, assim,

[...] a moral burguesa era consideravelmente aplicada; na verdade, talvez tenha se tornado muito mais efetiva a partir do momento em que a massa das classes trabalhadoras “respeitáveis” passou a adotar os valores da cultura hegemônica, e que as classes médias baixas, que seguiam a burguesia por definição, cresceram em número (HOBSBAWM, 2015, p. 165).

⁸ O antecessor de Vitória foi o rei Guilherme IV, que era seu tio e o quarto e último filho do rei Jorge III. A rainha herdou o trono depois de os seus tios paternos terem morrido sem descendentes legítimos. (CHRIST, ROBSON, 2005).

⁹ “After her death, Henry James wrote, “I mourn the safe and motherly old middle-class queen, who held the nation under the fold of her big, hideous Scotch-plaid Shawl.”

Não apenas a rainha Vitória priorizava valores relacionados à família, mas ela também acreditava que esses deveriam ser compartilhados com o restante do mundo. Foi no século XIX que ocorreu o auge do Império Colonial Britânico, causado pela expansão econômica, favorecendo o capitalismo financeiro e a industrialização. No fim dessa era, a maior parte do mundo era colônia britânica; assim, muitos países dependiam do desenvolvimento da Inglaterra para o seu crescimento.

Por abarcar um período de quase setenta anos (1837– 1901), a Era Vitoriana pode ser dividida em três grandes fases: o início da Era Vitoriana (1837 – 1848), o meio da era (1848 – 1870) e o período tardio (1870-1901).¹⁰

Na primeira parte dessa era, dois grandes acontecimentos tomaram conta da Inglaterra. O primeiro deles ocorreu em 1837, quando a ferrovia que conectava Liverpool e Manchester foi inaugurada, tornando-se a primeira linha ferroviária a vapor no mundo, iniciando mais de 6.620 milhas de caminhos de ferro que foram construídos até 1850. (CHRIST, ROBSON, 2005, p. 982).

A inauguração da primeira ferrovia aconteceu quase no mesmo momento em que houve a grande Reforma do Parlamento Inglês. Em 1832, a reforma tributária transformou a estrutura do parlamento da Inglaterra vitoriana, estendendo o poder de voto a todos os homens que possuíssem uma propriedade no valor de, pelo menos, dez libras esterlinas de rendimento anual. Tal fato quebrou o monopólio de poder dos donos de terra, já que, a partir de então, eles não seriam os únicos com poder de voto na sociedade. Foi o início de uma nova era, na qual os homens pertencentes à classe média adquiriram poder de voto.

No entanto, depois de um período de prosperidade, de 1832 a 1836, seguiram-se alguns eventos que afetaram a economia inglesa - entre eles estava a má colheita, que produziu pobreza extrema, desemprego e motins, acontecimentos que aumentaram o trabalho infantil. O poema de Elizabeth Barret, em 1843, *Cry of Children*¹¹, representa como as crianças eram tratadas em fábricas, tendo que abrir

¹⁰ As datas aqui demarcadas são as utilizadas por Christ e Robson (2005), porém, não podemos nos ater a anos específicos, já que a história acontece de forma fluída.

¹¹ Os primeiros versos do poema representam crianças que deveriam estar brincando e estudando, e ao invés disso estão trabalhando. Podemos observar o início dele:

“Do ye hear the children weeping, O my brothers,
Ere the sorrow comes with years?
They are leaning their young heads against their mothers, —
And that cannot stop their tears.
The young lambs are bleating in the meadows;
The young birds are chirping in the nest;”

portas de ventilações, lidando com materiais muito pesados e perigosos para elas. Barret representa em sua escrita como elas eram privadas da sua infância e passavam por situações do contexto adulto. Esses anos ficaram conhecidos como “a fome dos quarenta”.

Em 1838, uma organização que tentava combater essa fome e pobreza foi formada, *People’s Charter*, que advogava em favor do poder do voto para todas as classes e da redução de taxas que os menos afortunados deveriam pagar para donos de terra. Apesar dessa organização ter sido desfeita em 1848, o primeiro ministro da Inglaterra, em 1845, concordou com parte de suas reclamações e decidiu acabar com as taxas abusivas que fazendeiros ganhavam na venda de seus produtos e que eram pagas pela população. Independentemente de ter funcionado por muitos anos e ter ajudado a reduzir uma crise econômica maior, essa redução de taxas não erradicou as favelas da Era Vitoriana. (CHRIST, ROBSON, 2005, p. 983)

O segundo período da Era Vitoriana inicia com o “tempo dos problemas”, e muitos autores, como Charles Dickens, continuam a fazer críticas ao governo inglês. Em geral, esse período foi marcado por infortúnios, apesar de ser um período de prosperidade:

No começo do nosso período, a Inglaterra e a Bélgica eram os únicos países onde a indústria se tinha desenvolvido de forma intensiva, e ambos permaneceram como os mais altamente industrializados *per capita*. [...] A Inglaterra, evidentemente, era o país industrial *par excellence* e, como já vimos, conseguiu manter sua posição relativa, apesar de sua capacidade produtiva de força de vapor ter começado a declinar seriamente. Em 1850, a Inglaterra ainda possuía mais de um terço de toda a força de vapor global (em “máquinas fixas”), mas já na década de 1870 possuía apenas um quarto dessa parte ou menos: 900 mil HP¹², de um total de 4,1 milhões de HP. Os Estados Unidos já estavam, um pouco mais na frente por volta de 1850, e deixaram a Inglaterra atrás em 1870, com mais do dobro da força de vapor da velha Inglaterra [...] (HOBSBAWM, 2015, p. 55).

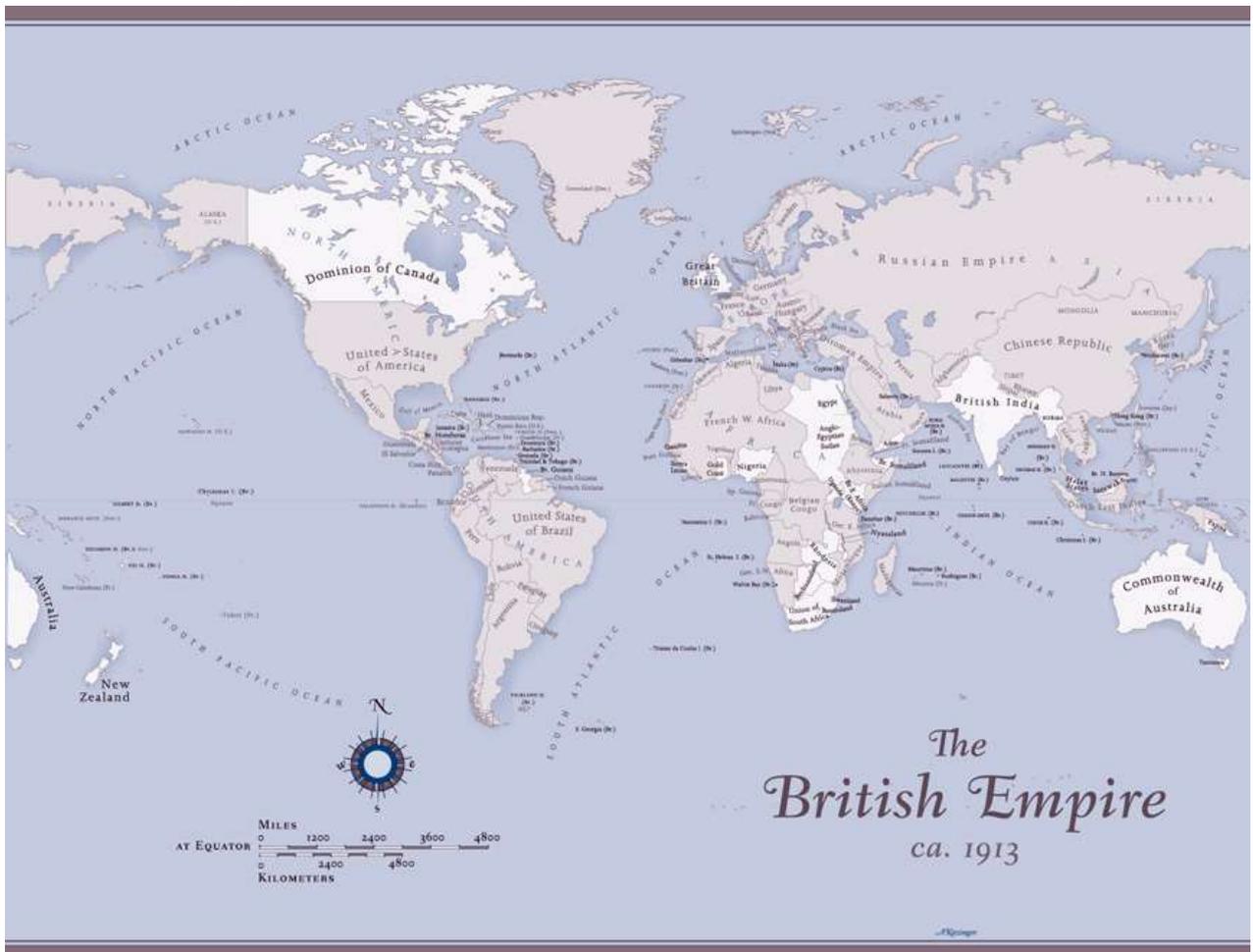
Mesmo sendo uma grande influência internacional, o país estava começando a perder o poder para os Estados Unidos da América. No entanto, o poderio inglês continuava tendo a indústria como base, já que nem a guerra contra a Rússia, que durou de 1854 a 1856, prejudicou a economia e a sociedade inglesa.

A rainha Vitória e seu marido, príncipe Albert, eram considerados, pela população inglesa, modelos de valorização ao trabalho. Foi em 1851 que o príncipe abriu a Grande Exposição no Hyde Park, em uma enorme estufa feita com base nos

¹² *Horse power*

princípios arquitetônicos da era. O Palácio de Cristal foi erguido para exibir a indústria e a ciência vitorianas. O Palácio representava o progresso científico e tecnológico dos anos de 1851 a 1936, que permitiram que a Inglaterra se tornasse uma influência ao redor do mundo, exportando seus produtos e intervindo nos gostos e culturas mundiais. Em 1913, cerca de 23% do território mundial era dominado pela Inglaterra, sendo em forma de colônias, domínios ou países protegidos. Como podemos ver no mapa a seguir, boa parte do mundo havia se tornado colônia inglesa. No mapa, a parte representada pela cor mais clara são os países que faziam parte do Império Britânico:

Figura 1 – Mapa do Império Britânico durante a Era Vitoriana



Fonte: GREENBLATT, Stephen. ABRAMS, M. *The Norton anthology of English literature*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company Inc., 2006.

Ao mesmo tempo, a Igreja Inglesa estava se expandindo. Isso acontecia porque a rainha e o príncipe eram muito devotos, aumentando a fé na religião. A grande igreja

vitoriana se subdividiu em três grandes ramificações: a igreja evangélica ou a igreja baixa, a igreja ampla e a alta igreja.

Ainda que tendo grande adesão da população à religião, o utilitarismo, ou a filosofia radical, foi empregado pela maior parte das classes sociais, principalmente da operária, contradizendo todos os princípios religiosos e tratando-os como mentiras e não como verdades. As teorias de Thomas Henry Huxley e Charles Darwin se tornaram conhecidas nesse período. Houve também descobertas astronômicas que mostraram como medir distâncias estelares, modificando a forma como o mundo era visto. A segunda fase dessa era representa, então, a era das descobertas científicas e filosóficas.

A terceira parte da Era Vitoriana é uma das mais difíceis de descrever porque, apesar de ser um tempo de serenidade, foi o período em que houve a decadência dos princípios da rainha Vitória. A Inglaterra tinha que equacionar o crescimento dos Estados Unidos depois da Guerra Civil, o que afetava o crescimento da indústria. As empresas não estavam se desenvolvendo tanto quanto antes, e filósofos sociais lutavam pelos direitos dos trabalhadores. Karl Marx e Friedrich Engels escreveram o seu manifesto em 1848, modificando alguns valores sociais e trabalhistas.

Escritores criticavam a forma de governo do final dessa era, enquanto estavam sendo construídas ferrovias no mesmo ritmo há trinta anos. Apesar do desenvolvimento, houve uma quebra nos valores vitorianos, já que o filho da rainha Vitória, Edward, era visto como um homem sem princípios, pois mantinha relações com cantoras e dançarinas. A população o via como o futuro da Inglaterra, o que fez o povo questionar a importância dos valores que a rainha Vitória prezava.

Durante a Era Vitoriana, começou a Segunda Revolução Industrial, na qual as máquinas de água e vapor ampliaram a substituição do trabalho braçal, iniciada na Primeira Revolução Industrial. Tal fato causou mudanças na sociedade. As classes sociais transformaram-se, modificando alguns valores relacionados à família e à moralidade. As consequências dessa revolução foram a urbanização e o acúmulo de pessoas em apenas um local, a cidade. Camponeses passaram a morar nas metrópoles, à procura de emprego. Londres expandiu-se de dois milhões de habitantes, quando Vitória se tornou rainha, para seis milhões de habitantes no período de sua morte. (CHRIST, ROBSON, 2005, p. 979). Com isso, as áreas das favelas tornaram-se cada vez mais comuns na Inglaterra vitoriana. As condições de

vida tiveram grande impacto nos membros mais frágeis da sociedade, como idosos e jovens. Para Čásenká,

as crianças, assim como os idosos, eram mais suscetíveis a doenças, além disso muitas crianças ainda sofriam de sub-nutrição. Essas crianças viviam em condições incredivelmente terríveis nas favelas, junto com suas famílias, no entanto, muitas dessas crianças eram sem tetos que tinham que lutar para seguir a vida e conseguir alimento por conta própria¹³. (ČÁSENSKÁ, 2016, p. 12)

No final dessa era, depois de as fontes de vapor terem sido exploradas na movimentação de trens, navios de ferro, teares, impressoras à mão, a energia intelectual se voltou para o desenvolvimento de outras tecnologias como o telégrafo, o cabo intercontinental (submarino), a fotografia, anestésicos e educação obrigatória. (CHRIST, ROBSON, 2005, p. 979). Londres era uma cidade industrial, nem todos os seus habitantes conseguiram ter os mesmos direitos e os mesmos lugares na sociedade, porque era dividida em classes sociais. De acordo com a divisão legal da sociedade, na Era Vitoriana, existiam três tipos de classes sociais: os aristocratas, os comerciantes e os plebeus. Os primeiros normalmente tinham posses e eram nobres desde o nascimento. Porém, durante esse período, perderam um pouco do seu poder, já que os comerciantes e livre empreendedores se fortaleceram socialmente. Enquanto isso, os plebeus eram todos os demais que não faziam parte da realeza e que normalmente sofriam com a pobreza. Entre os menos afortunados estavam muitas crianças, que, desde muito jovens, tinham que trabalhar em fábricas para conseguir sobreviver. O trabalho infantil era lucrativo para os donos de empresas porque as crianças ganhavam menos do que os adultos e eram pequenas, podendo entrar em máquinas para consertá-las, o que, muitas vezes, causava suas mortes precoces.

As crianças serem tratadas quase como pessoas escravizadas era apenas um reflexo da não existência de um sistema britânico nacional de educação (ČÁSENSKÁ, 2016). Porém, de acordo com o Ato das Fábricas¹⁴, em 1802, a situação empregatícia

¹³ “Children, as well as the elderly people, were more susceptible to diseases, moreover many poor children suffered from malnutrition. These children lived in unbelievable harsh conditions of the slum areas together with their families, however there also were homeless children who had to struggle through life and looking for food on their own.”

¹⁴ O ato das fábricas foi uma série de leis aprovadas pelo Parlamento do Reino Unido para limitar o número de horas trabalhadas por mulheres e crianças, em princípio nas fábricas têxteis e, mais tarde, em todas as indústrias. Esse movimento de reforma levou à aprovação de leis para limitar as horas que poderiam ser trabalhadas nas fábricas. O primeiro objetivo do movimento era limitar as horas de trabalho das crianças a dez horas. (CHRIST, ROBSON, 2005).

das crianças começou a ficar menos precária, já que então elas poderiam trabalhar no máximo doze horas por dia e eram providas de educação básica pelos aristocratas, donos das fábricas. Assim, no final do século XIX, a vida dos infantes estava melhorando. Em 1816 e 1830, no *Select Committees and Royal Comissions*, muitas ações legislativas foram aprovadas, porém, a maior parte delas era inútil, já que elas eram apenas ações, e não leis.

Em 1833, foi assinado o Ato de Regulação das Fábricas, que estabeleceu a idade mínima de nove anos para as crianças trabalharem. No final da Era Vitoriana, contratar crianças menores de doze anos de idade para trabalhar em fábricas tornou-se um crime. Passando menos horas dentro de uma fábrica, as crianças tiveram mais contato com a educação. Assim, as crianças de classes economicamente inferiores puderam ter acesso a escolas públicas, nas quais a educação deixava a merecer, enquanto as crianças das classes burguesas continuaram a ir para escola privadas e a serem educadas em casa.

Sendo a literatura também parte de um quadro social que informa sobre as representações passadas para os jovens, ela é um suporte necessário para a construção e transmissão de experiências, o que representa um acesso à cultura. Com isso, apesar de muitos vitorianos compartilharem o senso de satisfação por causa do desenvolvimento político e social, outros sofriam com a pobreza e o sentimento de deslocamento. Essas leis nem sempre eram obedecidas pelos empregadores, o que gerava conflitos legais.

Muitos dos aspectos da Era Vitoriana aqui abordados estão presentes na maior parte das obras de Charles Dickens, já que o autor usava de sua escrita para criticar a sociedade inglesa do século XIX. No próximo subcapítulo, analisaremos quais aspectos que retratam a criança em *Oliver Twist* poderiam ter papel de crítica social, representando a Inglaterra vitoriana.

2.1.1 A Era Vitoriana e *Oliver Twist*

Oliver Twist foi escrito por Charles Dickens e teve ilustrações de George Cruikshank¹⁵. A primeira aparição dessa obra foi na revista *Bentley's Miscellany*¹⁶, que publicou a obra mensalmente entre fevereiro de 1837 e abril de 1839, em forma de folhetins, tendo o livro sido publicado em 1839. No Brasil¹⁷, o livro foi traduzido parcialmente por Machado de Assis em 1870, com a finalização da tradução feita por Ricardo Lísias. Na Inglaterra, a obra foi publicada durante a Era Vitoriana, cuja sociedade acreditava nos valores do trabalho. Durante esse período, a Inglaterra enfrentava a transição da sociedade rural para a sociedade urbana, devido à Revolução Industrial. Com isso, no contexto de *Oliver Twist* e da época em que foi escrito, havia a migração de habitantes do campo para a cidade.

O livro conta a história do pequeno órfão Oliver, cuja mãe morreu logo após dá-lo à luz. A criança passa, então, a viver na Paróquia de São Pedro, onde não recebe comida suficiente e muitas vezes sofre maus tratos. Após muito refletir, Oliver foge da paróquia e rumo a Londres. Lá, um estranho chamado John Dawkins lhe oferece comida e um lugar para dormir. Depois de alguns dias convivendo com Dawkins, Oliver descobre que ele é parte de uma gangue de ladrões e é quase preso quando eles tentam roubar um senhor na frente de uma livraria. Após isso, o garoto tenta fugir dos ladrões e depois de muitas aventuras acaba por ser adotado pelo senhor Brownlow e sua família, pessoa a quem ele tentou assaltar.

¹⁵ George Cruikshank (1792 - 1858) foi um cartunista e ilustrador nascido em Londres. Ficou famoso por caricaturas que retratavam a população da Inglaterra vitoriana. (PAROISSIEN, 2011)

¹⁶ *Bentley's Miscellany* era uma revista literária que teve como primeiro organizador Richard Bentley. O primeiro volume dela foi escrito em 1836 e o último em 1868. Charles Dickens foi um de seus editores. (PAROISSIEN, 2011)

¹⁷ O prefácio da versão da obra aqui utilizada começa com a seguinte frase escrita por Ricardo Lísias "O leitor não tem em mãos, de maneira nenhuma, uma tradução convencional." Isso porque a obra de Dickens, *Oliver Twist*, teve sua primeira versão traduzida inicialmente por Machado de Assis, que não a finalizou. Lísias afirma que em alguns momentos da tradução, Machado utiliza expressões que obedecem à lógica do gênero folhetinesco, além de fazer alguns cortes na versão original, já que "às vezes uma frase ou um parágrafo traduz toda uma página de Charles Dickens". Ricardo Lísias ainda afirma que, por muitas vezes, a tradução de Machado evita passagens muito cruéis, cortando ou suavizando textos com muita violência. Lísias escreve no prefácio de *Oliver Twist* que foi movido por um espírito de aventura intelectual e que estava ciente das dificuldades que encontraria ao tentar terminar a tradução de Machado, apontando que nunca teve a intenção de imitar o trabalho de Machado, fazendo com que a tradução dessa obra tenha "duas penas distintas". Lísias, assim como Machado, aponta que precisou entender a obra profundamente antes de traduzi-la, por isso, acreditamos que essa versão tenha sido a mais apropriada para esse estudo.

Nos anos de 1830, como são representados na obra em questão, os aristocratas eram, normalmente, vistos como o pico da cadeia social, enquanto as classes mais baixas constituíam a força de trabalho. Por esse período ter como valores principais o trabalho e a honestidade, a condição de pobre era, muitas vezes, interpretada como uma fraqueza. Isso ocorria, muitas vezes, pelo fato de que os menos afortunados não tinham tanto acesso à educação quanto os de maior poder aquisitivo, impedindo a ascensão social.

Em *Oliver Twist*, Dickens apresenta a vida cotidiana de um garoto pertencente à classe social pobre economicamente, que, com a ajuda de aristocratas, consegue encontrar um lar. Enquanto Oliver vivia em um ambiente de pobreza, os livros e a literatura nunca lhe foram apresentados. Porém, quando o garoto consegue subir na escala social, a literatura passa a ser parte permanente de sua vida. Com o acesso aos livros, Oliver pode compreender melhor a comunidade em que vive. Para Malkovich (2013), uma das formas mais populares de criação da criança protagonista nesse romance da Era Vitoriana, durante o século XIX, era o desencadeamento de uma crise espiritual nessa personagem, que a deixa vulnerável, precisando ser salva.

Dado que a literatura sempre esteve ligada à sociedade, ela contribui para moldar suas crenças e valores, e a produção literária torna-se então um fenômeno social que influencia leitores, já que expressa questões sócio-históricas. O modo de ler e escrever revela a forma como determinada sociedade funciona, podendo expor os lados positivos e negativos do meio social. Já que a literatura é uma representação da sociedade, podendo modificar e também negar conceitos nela existentes, destacamos a importância da representação de *Oliver Twist* como criança leitora, na obra de Dickens.

Na Inglaterra, o hábito da leitura aumentou significativamente durante a Era Vitoriana. Em 1837, metade da população masculina conseguia ler, e, no final do século, o ensino de leitura e escrita era obrigatório, tornando a literatura parte da sociedade daquela época. (CHRIST, ROBSON, 2005, p. 993). A literatura era vista, principalmente, como uma forma de adquirir conhecimento. Sendo assim, ao terminarmos de ler uma obra literária, era esperado que tivéssemos nos tornado indivíduos melhores.

Grande parte dos leitores vitorianos queriam histórias sobre a vida diária, acontecimentos comuns que eles reconheciam e que não lhes perturbassem a

consciência (CEVASCO, SIQUEIRA, 1985). Mesmo o gênero literário era levado em consideração: apesar de a personagem Oliver Twist se interessar mais por livros, a grande maioria da população vitoriana lia folhetins. “Nos primeiros trinta anos da Era Vitoriana, 170 periódicos começaram a ser publicados em Londres.” (CHRIST, ROBSON, 2005, p. 993). Isso se dava pelo fato de os livros serem muito mais caros se comparados a jornais e revistas, sendo que a maior parte dos leitores pegava livros emprestados ou os alugava em bibliotecas particulares¹⁸ e públicas especializadas:

A experiência do público leitor do século XIX é extremamente reveladora e de muita importância para a nossa discussão: os leitores, com frequência, preferiam o romance lido em prestações ao texto, idêntico, em forma de livro. A mesma coisa pode ser observada ainda hoje, caso se tenha a paciência de passar por essa experiência, pois a maioria das histórias que aparecem nos jornais dos nossos dias tendem a pertencer ao gênero que chamamos de “literatura leve”, tangenciando o trivial. O objetivo óbvio ainda é atrair um grande público (ISER, 1999, p. 13).

Os leitores liam esses jornais, revistas, almanaques e periódicos, que continham capítulos das histórias, durante períodos que poderiam durar anos. Isso oportunizava que o público lesse, refletisse e ansiasse pelos capítulos, muitas vezes, incentivando-o a imaginar o que aconteceria na próxima semana ou quinzena. Algumas dessas histórias se transformaram em livros, como no caso da obra em questão. Na segunda parte da Era Vitoriana, principalmente em Londres, os romances passaram a ser publicados não em folhetins, mas sim em livros que eram divididos em três volumes, também conhecidos como *three-deckers*, como é o caso de *Oliver Twist*.

O fato de Londres ser o pano de fundo da obra aqui estudada, revela muito do que o narrador de Dickens transmite para o público leitor. Muitos são os aspectos da Inglaterra vitoriana em *Oliver Twist*. A história acontece na capital inglesa, ainda que pequena parte dela se passe no interior. A presença de personagens que buscam uma vida melhor na cidade evidencia os resultados da revolução industrial. O narrador mostra como o jovem Oliver reflete sobre a sua ida a Londres:

O marco indicava, em letras grossas, que a cidade de Londres ficava a 70 milhas; o nome Londres despertou no espírito do menino uma nova série de

¹⁸ Bibliotecas particulares eram comuns entre aristocratas. Elas serviam em sua maioria, para a educação domiciliar, porém também substituíam as bibliotecas públicas, já que os leitores não precisariam sair de suas casas para ler (CHRIST, ROBSON, 2005).

idéias. Não poderia ele ir a Londres, a cidade imensa, onde nem o sr. Bumble viria a descobri-lo? Oliver ouvira sempre dizer aos velhos mendigos do asilo que um rapaz de juízo nunca ficava desamparado em Londres, e que havia nessa grande cidade meios de existência desconhecidos à gente do campo. Era esse o lugar que convinha a um rapaz sem asilo, destinado a morrer na rua, se lhe não dessem a mão (DICKENS, 2013, p. 85).

Quando Oliver chega a Londres, ele se depara com a urbanização inglesa do século XIX. No seu percurso, presta atenção a todos os detalhes da cidade, muitos dos quais não lhe tinham informado, por não serem favoráveis à migração para a cidade:

Posto que Oliver fizesse isso mesmo, não deixava de lançar alguns olhares furtivos para os dois lados da rua: era o lugar mais sujo e miserável que ele tinha visto. A rua era estreita e úmida e o ar, carregado de miasmas fétidos. Havia um grande número de lojas pequenas onde as crianças berravam apesar da hora adiantada da noite. Os únicos lugares que pareciam prosperar eram as tavernas, onde irlandeses das fezes do povo, isto é, das fezes da espécie humana, discutiam com todas as forças. Vieiras e passagens estreitas deixavam ver algumas casas miseráveis, diante das quais homens e mulheres embriagados rolavam na lama da rua; e às vezes saíam com precaução desses antros indivíduos de cara sinistra, cujas intenções não pareciam ser louváveis nem tranquilizadoras (DICKENS, 2013, p. 90).

As idas e vindas de Oliver Twist para a capital e para o interior elucidam os dois tipos de sociedades existentes na época. Enquanto os menos afortunados buscavam trabalho na cidade, muitos aristocratas voltavam para o campo à procura de paz e silêncio. O seguinte excerto da obra exemplifica esse sentimento dos mais afortunados:

Não haverá quem possa descrever o estado de calma que o coração de Oliver sentia naquele ambiente verde e agradável! Sobretudo aqueles que tomam os tijolos e o cimento como sua segunda natureza! Mesmo esses, contudo, sentirão como o ar fresco lhes faz bem ao corpo e à mente. Oliver, entre o cheiro da rosa e o da madressilva, parecia nascer em outro ambiente, longe da multidão em que crescera (DICKENS, 2013, p. 302).

A emergência da família burguesa e o fato de muitas delas adotarem jovens pobres, durante a Era Vitoriana, oportunizaram o surgimento de uma nova formulação do conceito de infância, transformando a criança em algo mais do que apenas um adulto em miniatura. O jovem passa a ser parte do meio social, modificando o funcionamento da sociedade e levando à criação de uma nova forma de ver a educação, e, conseqüentemente, a literatura. Zilberman (2003, p. 55) afirma que há uma grande relação entre o mundo social e o costume da burguesia de ler, já que, com a leitura, há uma interiorização de valores e de princípios morais em dada sociedade. A leitura de livros seria então, uma expressão do nível cultural burguês.

Oliver Twist, ao mudar sua visão de mundo, elucida como a leitura demonstra a forma e a cultura de uma sociedade.

A literatura amplia, por meio da ficção, uma realidade com a qual o leitor possa se identificar, permitindo que a fantasia do leitor se comunique com o real, possibilitando outras formas de ver o mundo. Mesmo que os livros lidos por Oliver não condissessem com a sua realidade, eles mostravam ao jovem garoto como outras comunidades poderiam funcionar. Sendo a obra literária algo inquietante, ela modifica a visão de mundo do leitor, podendo transformar conceitos e valores, assim como questionar a opinião do leitor sobre o que é o bem e o que é o mal. A personagem Oliver, assim como todos os leitores, passa por mudanças psicológicas toda vez que entra em contato com a literatura. Oliver passa a questionar o modo como os homens da gangue que o acolheram agem e como ele poderá sair desse ambiente hostil.

Na obra, o narrador evoca uma visão de infância dividida entre o bem e o mal, na qual a personagem tem contato com pessoas que tentam levá-lo para o caminho do crime, como Dawkins, e outras que se dedicam a mostrar ao garoto que existe uma vida sem violência e com mais conhecimento, como as famílias que o acolhem. Com isso, as referências de Oliver moldam sua personalidade. Isso posto, acreditamos que *Oliver Twist* representa os ideais dessa época, abordando algumas formas pelas quais certa sociedade inglesa vitoriana tenta transformar crianças em ladrões e criminosos, enquanto alguns aristocratas procuram educar os jovens, afastando-os da criminalidade.

2.2 SÉCULO XX: DÉCADA DE 1980

O período que ocorreu depois da Era Vitoriana, o século XX, é considerado o tempo dos extremos. É o século da violência e dos totalitarismos, no qual os Estados Unidos viraram sinônimo de poder. A Inglaterra dominava suas colônias e era tida como o centro do mundo no início do século. “O século XX iniciou-se no Ocidente em clima de otimismo com a *belle époque*¹⁹. ” (VIZENTINI, 1998, p. 11).

No início do século XX, os padrões e costumes tradicionais, além da religião e dos princípios familiares, estagnaram, dando espaço para novas formas de pensar, devido ao avanço tecnológico da sociedade. A evolução da ciência entrou em

¹⁹ Bela época

contraste com os pensamentos religiosos, diminuindo ou questionando a crença na religião. Descobertas científicas e astronômicas mudaram a forma de muitos verem a sociedade.

Enquanto o trabalho aumentava, a população nas capitais crescia drasticamente. A eletricidade se espalhava, o cinema e o rádio se tornaram mais comuns, e novos remédios, como a aspirina, estavam sendo criados. Assim, a literatura também se transformou, e os escritores modernos criaram novas formas com as quais eles poderiam registrar as suas ideias sobre a experiência humana. Foi em 1900 que Max Planck compartilhou com o mundo a sua teoria quântica, e, em 1905, que Einstein explicitou a sua teoria da relatividade. (CHRIST, ROBSON, 2005).

Foi no século XX que aconteceram diversas guerras entre países. Entre tais guerras, a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), que ocorreu por muitos motivos. Um deles foi o desenvolvimento da Tríplice Entente²⁰. Inicialmente, a Alemanha conseguiria derrotar a França em uma guerra rápida, porém os alemães não contavam com a resistência belga e inglesa. Para Rémond (1974), são três as características que contribuem para singularizar a Primeira Guerra Mundial: sua duração, sua extensão no espaço e certas formas novas de luta. Ela durou de 28 de julho de 1914 até 11 de novembro de 1918 e assumiu grandes proporções geográficas, com os maiores exércitos já vistos até então.

Após a Primeira Guerra Mundial, foram assinados diversos tratados que buscavam a paz entre países. Foi em 1919 que teve início a Conferência de Paz em Versalhes, buscando a rendição da Alemanha. O período posterior à Primeira Guerra Mundial foi, então, marcado por ilusões de um futuro de paz, ao mesmo tempo que a população relembra o passado próximo. (VIZENTINI, 1998).

O grande acontecimento que sucedeu os tratados foi a Grande Depressão. A quebra da bolsa de valores em Nova Iorque foi o princípio de uma crise que afetou os países capitalistas durante toda a década de 30. Essa crise acentuou o excesso de produção; havia mais matéria prima e mão de obra, porém, não existiam compradores e investidores. Nesses tempos de crise, governos aproveitaram para criar leis nacionais e internacionais mais rígidas, o que levou a muitos conflitos internos e

²⁰ A tríplice entente foi uma aliança militar entre o Reino Unido, a França e o Império Russo. Na prática, consolidou os acordos bilaterais anteriores: a Aliança Franco-Russa (1891), a Entente Cordiale, entre a França e o Reino Unido (1904), e a Entente Anglo-Russa (1907).

externos, gerando pequenas guerras que seriam o início da Segunda Guerra Mundial. “Depressão e desemprego no início de 1930 foram seguidos pelo aparecimento de Hitler e a origem da sombra fascista e nazista em toda a Europa. Com essa ameaça de outra guerra, o surgimento de novos poetas e romancistas da época foi afetado” (CHRIST, ROBSON, 2005).

A guerra em que se disputava a superioridade mundial, entre Estados Unidos e União Soviética, foi chamada de Guerra Fria (1945-1991). Foi uma intensa guerra econômica que dividiu o mundo em blocos de influência das duas superpotências mundiais, a dos capitalistas americanos e a dos socialistas soviéticos. No final da década de 1980, o bloqueio econômico causa uma crise do socialismo e, em 1989, o Muro de Berlim cai, unificando as duas Alemanhas. O capitalismo se tornou vitorioso, devido ao declínio do socialismo, passando a ser implantado em países considerados socialistas.

Na área da ciência e tecnologia, foram muitas as invenções e descobertas. Nesse período, houve o início da fabricação dos PCs, mesmo que primitivos, o CD começou a ser desenvolvido, o início do projeto Software Livre e a popularização de videogames como Sega e Nintendo. Em 1981, nos Estados Unidos da América, a AIDS foi clinicamente observada pela primeira vez. Enquanto isso, na política, os maiores líderes sociais eram o Papa João Paulo II; Kim Il-Sung, presidente da Coreia do Norte; Jimmy Carter e Ronald Reagan, presidentes dos Estados Unidos; Margaret Thatcher²¹, primeira ministra da Grã-Bretanha; e a Rainha Elizabeth II, da Grã-Bretanha.

A literatura do século XX se diferencia daquela que existia no século anterior. Nos anos de 1980, muitos livros importantes foram escritos, tais como *O nome da rosa* (1980), de Umberto Eco (1932-2016), *A cor púrpura* (1982), de Alice Walker (1944 – presente), e *O conto da aia* (1985), de Margaret Atwood (1939 – presente). Os autores dessa época tinham o seu próprio estilo, modificando a literatura e a forma de vê-la. Autores como Stephen King (1947 - presente) e Scott Turow (1949 - presente) transformaram a arte da escrita.

²¹ Primeira mulher a chefiar um governo parlamentar na história da Europa, Thatcher ficou onze anos e meio no poder, de 1979 a 1990, tempo suficiente para os princípios que defendia (menos governo, menos despesas e independência em relação à União Europeia) se fixarem profundamente no modo de vida britânico.

Dessa maneira, o século XX, no qual *Matilda* foi escrito, passou por muitas transformações políticas e culturais. Apesar de a rainha Vitoria só ter morrido em 1901, as características da sua era já tinham desaparecido no fim do seu reinado. A potência econômica mundial passou a ser os Estados Unidos, enquanto a Inglaterra e a Alemanha competiam financeiramente.

A mudança passou a ser parte da sociedade britânica, o que era considerado correto passou a ser questionado. Nesse período, o Império Britânico cessou suas expedições e abriu um grande número de escolas, ampliando o acesso ao ensino e à literatura. Ao mesmo tempo, as mulheres exigiam o direito ao voto, e o relativismo começou a ser um dos pilares da sociedade, enquanto as teorias de Freud sobre o inconsciente humano tomaram conta da nação mundial. Podemos constatar, então, que o século XX foi marcado por muitos questionamentos relacionados à forma de ver o mundo e a sociedade em que viviam.

2.2.1 Década de 1980 e *Matilda*

“Rejeitando as noções vitorianas dos deveres morais e educacionais do artista, a estética ajudou a aumentar a fenda entre os escritores e o público em geral, resultando na ‘alienação’ do artista da sociedade”²². (CHRIST, ROBSON, 2005). O modo como os autores eram vistos pela população em geral foi modificado, separando-os do público e tornando-os seres de conhecimento avançado. O público literário se dividiu, em relação ao consumo, entre o que é considerado literatura de massa, que não agrega conhecimento aos leitores e é constituída de cenas cotidianas, e o que é sofisticado e especializado, já que muitos autores preferiam usar conceitos derivados da psicologia, sociologia e antropologia.

Matilda (1988), escrita por Roald Dahl, conta a história de uma menina precoce que possui uma inteligência extraordinária e vive com seus pais e seu irmão, que não enxergam a sua potencialidade. Sua família faz com que ela assista à televisão durante todos os jantares e não a incentiva a ler. Um dia, após ler tudo o que podia ser lido em sua casa, ela decide ir até a biblioteca pública à procura de mais livros.

²² “Rejecting Victorian notions of the artist’s moral and educational duties, aestheticism helped widen the breach between writers and the general public, resulting in the ‘alienation’ of the modern artist from the society.”

Quando completa cinco anos, Matilda pede para que seus pais a matriculem em uma escola, onde conhece sua professora, senhorita Mel, e sua diretora, senhorita Taurino. Mel é a única personagem adulta que consegue compreender a capacidade de Matilda, enquanto Taurino a maltrata assim como os pais fazem em casa. A garota descobre que tem poderes sobrenaturais e os usa para fazer travessuras e para se vingar dos adultos que são malvados com ela. No decorrer do enredo, Matilda se utiliza dos conteúdos que lê para dar asas a sua imaginação e criar suas traquinagens.

Fresno Fernandez (2009) afirma que essa obra, assim como tantas outras de Dahl, foi enormemente criticada pelo fato de apresentar ideias negativas sobre os adultos que poderiam transformar o modo de as crianças os verem. Uma das falas de Matilda enfatiza a visão que o narrador passava para as crianças em relação aos pais mais velhos, de como elas seriam seres mais amáveis do que seus pais e pessoas mais velhas “Crianças não são tão sérias quanto os adultos, elas adoram rir” (DAHL, 2010, p. 80).

Apesar das características afáveis que Dahl dá para suas personagens crianças, os atos delas em relação aos adultos, como colocar uma salamandra na jarra de água que a diretora irá beber e usar supercola no chapéu do senhor Losna, exemplificam os motivos dessa obra de Dahl ter sido vista como uma má influência para o público infantil. Dito isso, não apenas Matilda é tida como uma criança mal-educada, mas também seus colegas de escola e seu irmão, como na cena em que ele riu do pai por ele estar com o chapéu colado na cabeça e quando os alunos ficaram felizes no momento em que a diretora se assustou com os fantasmas que Matilda criou com seus poderes especiais.

Caracterizado como um romance, *Matilda* desafia os limites do mundo real. Christ e Robson (2005), apontam que, para Henry James, os romances de Dahl são considerados “monstros frouxos e folgados”²³, que podem fazer e incluir tudo que existe e não existe. No caso da obra aqui estudada, o fato de Matilda possuir poderes telecinéticos nunca seria considerado real. No entanto, a situação em que ela se encontra na família era comum entre muitas garotas da época em que o livro foi escrito. O romance seria, assim, uma representação do mundo real e da experiência temporal. Christ e Robson (2005) citam que Woolf o descreve como uma mente

²³ “ loose baggy monsters”

comum em um dia comum, o que acontece no romance aqui estudado, quando a obra explicita como seria a vida de uma família americana ordinária no século em questão.

Na obra em questão, Matilda²⁴ aprende a ler sozinha, sem ser encorajada por seus pais. Sua família não compreende a paixão da garota por livros, já que, para eles, a literatura não é importante. Senhor Losna, pai de Matilda, chega a perguntar para a filha “O que há de errado com a televisão, pelo amor de Deus?” (DAHL, 2010, p. 24). Para superar os obstáculos que enfrenta em casa, a garota começa a frequentar a biblioteca pública, onde encontra muitos livros que lhe ensinam desde matemática até a forma como os escritores viam o mundo, como podemos perceber na conversa de Matilda com a senhorita Mel:

– Não tem cabimento você ficar sentada na classe sem fazer nada enquanto eu ensino os outros a recitar a tabuada do dois e a soletrar gato, rato e pato. Então, em cada aula vou lhe dar um destes livros para estudar. No final da aula, você pode vir me perguntar suas dúvidas e eu tentarei ajudá-la. O que acha disso?

– Obrigada, srta. Mel – Matilda disse. Acho ótimo (DAHL, 2010, p. 91).

Dado isso, o foco principal dessa obra literária poderia ser a experiência de aprendizado de Matilda, tanto em casa quanto na escola. Mesmo o ambiente escolar, sendo aquele no qual o conhecimento deveria acontecer, a escola de ensino fundamental Crunchem Hall, na qual a personagem estuda, não tem como foco principal a aprendizagem, mas sim o comportamento. Para a diretora da escola, o importante é que as crianças saibam se comportar na sociedade, mesmo que não entendam os conceitos escolares básicos. Karavitis (2014) tem pensamento similar ao da diretora, já que, para o autor, cada geração deve estar preparada para assumir as responsabilidades que a sociedade lhe dá, para se tornar cidadãos funcionais²⁵; o que nos parece correto afirmar, tendo em vista a literatura e a interpretação, que poderiam ajudar as crianças a compreender conceitos da sociedade.

Senhorita Mel, professora de Matilda, é um dos poucos adultos que acreditam no potencial da menina. enxerga a protagonista da obra como uma criança prodígio,

²⁴ É curioso o apontamento feito por Fresno Fernandez, em 2009, sobre a personagem Matilda. A autora cita que, na versão original, a heroína dessa obra era uma criança sem conhecimentos na primeira parte do livro, quando só convivia com a sua família, e que se transformava em uma menina extraordinariamente inteligente no final da história. O editor do livro, Stephen Roxburgh, mostrou a Dahl como a obra seria mais interessante se Matilda fosse esperta desde o princípio. Roald Dahl, então, compreendeu as vantagens de enfatizar a inteligência de Matilda, contrastando com a sua família.

²⁵ Sendo cidadãos funcionais considerados aqueles que geram algum tipo de benefício à sociedade, seja gerando ganhos intelectuais e/ou financeiros.

por isso incentiva sua aluna a ler e estudar livros mais avançados que o resto da turma, aumentando o conhecimento da menina. A diretora da escola, senhorita Taurino, não acredita nos conhecimentos de Matilda. Na verdade, ela até mesmo questiona o entendimento da garota em relação ao material: “– Quer dizer que ela aprendeu algumas tabuadas de cor, não é? – esbravejou a sra. Taurino. – Minha cara, isso não a torna um gênio! Quer dizer apenas que ela é um papagaio!” (DAHL, 2010, p. 88).

Era comum, para a sociedade da época, que crianças apenas memorizassem conteúdos e os esquecessem logo após as avaliações. Porém, esse não é o caso de Matilda, que lia e estudava por prazer, não apenas para adquirir conhecimento para tirar boas notas na escola. Percebemos, no decorrer da narrativa, que a forma de ler e aprender se dá de modo diferente do que os seus colegas de classe. Assim sendo, a educação e a forma como ela ocorre são fatores que podem influenciar na representação da criança leitora em *Matilda*.

No início do século XX, era comum que escritor e público compartilhassem um sistema de valores igual (CEVASCO, SIQUEIRA, 1985, p.78). Ainda para os autores, posteriormente

no século [XX], com a expansão do público leitor, o artista não compartilha mais com ele de um conhecimento comum. Além disso, o escritor, exposto às novas teorias da filosofia, da economia, da psicanálise e das ciências em geral, vai perdendo o sentido unificado do mundo. Ele tem consciência de que é impossível de se saber toda a verdade sobre alguém, assim como da complexidade e ambigüidade do real, que é matéria do romance (CEVASCO, SIQUEIRA, 1985, p. 78).

Foi nesse contexto que os livros que Matilda lia surgiram. O narrador não narra mais com a autoridade do século XIX. O que acontecia era uma conversa com o leitor. A protagonista da obra aqui estudada teve, por meio da literatura, contato com outras mentes pensantes que não seus pais, pois foi por meio dos livros que Matilda adquiriu conhecimento de mundo e de muitas culturas que nele existem.

Não apenas as obras literárias apresentadas nesse livro de Dahl mostram como era a sociedade do século XX, mas também os comportamentos das personagens de *Matilda*. A paixão pela televisão que a família Losna tem representa a cultura da época, na qual a literatura nem sempre era colocada em primeiro plano.

O sr. Losna ligou a televisão. A tela se iluminou. Estava passando um programa barulhento. O sr. Losna olhou irritado para Matilda. Ela não se movera. Já tinha aprendido a bloquear os ouvidos contra os sons desagradáveis da televisão. Continuou a ler, imperturbável, e por alguma

razão isso enfureceu o pai. Talvez sua raiva tenha aumentado por ver a filha desfrutando de alguma coisa que ele não alcançava (DAHL, 2010, p. 35).

A forma pela qual a educação ocorria na obra mostra como a maior parte das escolas britânicas funcionava na época. Senhorita Mel tratava as crianças com muito carinho, mas, a sua metodologia era constituída, em sua maioria, por repetição. A própria diretora da escola mostra à professora que talvez seus alunos estejam apenas memorizando conteúdos e não os aprendendo, como no caso em que chamou os alunos de Mel de papagaios. Porém, ao mesmo tempo que faz isso, a diretora afirma que as crianças devem ser obrigadas a estudar e que os conteúdos devem ser forçados para dentro de suas cabeças:

– É assim que eles aprendem, Mel – ela disse. – Vá por mim, não adianta só falar com eles. É preciso *enfiar* as coisas dentro dessas cabeças, nem que seja à força. Não há nada como uma boa torcida de pescoço para fazê-los lembrar as coisas. É excelente para concentrar as mentes (DAHL, 2010, p. 163).

O abuso físico de crianças era considerado apenas mais um meio de ensinar. Matilda, sofreu vários abusos tanto dos pais, quanto da diretora da escola. Os primeiros rasgavam seus livros quando estavam nervosos, e a segunda, muitas vezes, a trancava em um pequeno armário cheio de pregos para que ela pudesse refletir sobre o que havia feito. Nesses momentos, que a garota começava a pensar sobre como gostaria de ser mais independente, para ser mais feliz.

A personagem Matilda faz parte de uma das grandes nações do século XX e normalmente não lida com problemas com que crianças menos afortunadas lidariam. Ao mesmo tempo, o descaso de seus pais com a sua criação por causa de aparelhos eletrônicos e busca por mais dinheiro a tornariam um exemplo comum da criança do século em questão. O fato de a garota estar em contato constante com a literatura, que será aprofundado no próximo capítulo, pode ser uma das razões pelas quais a personagem lida com seus problemas de forma diferente de outras crianças.

3 A CRIANÇA LEITORA

Toda a leitura que ela fez tinha lhe dado uma visão da vida que eles nunca tinham visto.

Roald Dahl

A formação da criança leitora ocorre de diferentes formas através dos tempos. Zilberman (1984) afirma que a literatura infantil iniciou no século XVIII, época em que as mudanças sociais desencadearam repercussões no meio artístico. Os livros de literatura infantil do século XVIII tinham função doutrinadora, sendo muitas vezes utilizados em sala de aula. Rompendo essas barreiras, no início do século XIX, vários contos folclóricos foram publicados pelos irmãos Grimm. Porém, é na metade dos anos 1800, quando a tecnologia em impressão melhorou, que ilustradores começaram a aprimorar as ilustrações coloridas de livros infantis, aumentando a sua leitura. Esse prestígio da literatura infantil só continuou a crescer durante o século XX, época na qual vários prêmios foram criados em relação a esse tipo de literatura (RUSSEL, 2012).

Pesquisadores sociais apontam que a leitura e a literatura não evitam o crime, mas que o conhecimento maior do mundo problematiza a diferença entre o bem e o mal (DAVIS, 2006, p. 271). Quando o leitor lê um texto literário, recursos cognitivos como vontade, disponibilidade, memória e atenção são acionados. O fato de Oliver alertar seus tutores sobre as presenças de Monks e do judeu no sítio onde estavam evidencia isso: “Um instante foi o suficiente para que os dois deitassem a correr à toda brida em fuga. Reconheceram-se. Depois de um momento de paralisia, Oliver pulou a janela e pôs-se a gritar por socorro” (DICKENS, 2013, p. 318).

É de grande importância diferenciar aqui, antes de abordarmos mais profundamente a questão da criança leitora, a diferença entre ‘saber ler’ e a ‘formação de um leitor’, já que o primeiro conceito está ligado à alfabetização, à decodificação e à junção das palavras, enquanto o segundo está conectado com a questão da compreensão e interpretação do que está escrito, que também implica na frequência de contato com o texto escrito. Por isso, a leitura não deve ser concebida como apenas um processo decodificatório, mas um contato com o conteúdo. O ato de ler e, por conseguinte, a formação do leitor, influencia na prática social, porque é o leitor que atribui significado ao texto, processando informações e adicionando-as ao

conhecimento prévio, modificando a sua forma de ver o mundo (KRUG, 2015). O meio literário propicia ao leitor uma apropriação de saberes, valores e cultura humana, constituindo um objeto cultural que oportuniza ao leitor novas maneiras de expressar a sua individualidade (BISSOLI; CHAGAS, 2012).

Conforme observa Lajolo (1996), a leitura é um processo que pode estar comprometido com a transformação social, já que essa permite o despertar de sentimentos e emoções, possibilitando que o leitor aumente suas pretensões e, muitas vezes, modifique seu modo de ver a sociedade. O que é lido e interpretado pode estabelecer como o mundo é visto e como o leitor se insere nele. A leitura emancipatória na infância é um tópico cada vez mais discutido, já que são, principalmente, nos primeiros anos de nossas vidas que adquirimos o gosto pela leitura. Para Iser (1980), o ato da leitura pode ser caracterizado como uma espécie de “caleidoscópio de perspectivas”, pré-intenções e correções. Cada frase é um indício do que está por vir e complementa a realidade que não está escrita no texto. O leitor precisa refletir sobre o sentido das palavras e, assim, sobre a realidade de determinada obra. A criança leitora, por experienciar o novo diariamente, também tem uma forma diferente de viver a literatura.

Iser (1980) afirma que diferentes leitores podem ser desigualmente afetados pela realidade de um texto específico, mostrando que o texto literário transforma a literatura num processo criativo acima do que está meramente escrito. Qualquer sentença que já tenhamos lido entra, na nossa memória, em conflito ou adiciona algo ao que já conhecemos, modificando-nos. Ao tentar compreender as partes de um texto, nós interagimos e observamos a direção a que elas nos levam, muitas vezes, projetando a consciência de nós mesmos no texto escrito. “A experiência pode ser saturada com a língua, mas a língua nunca será saturada com a experiência” (GALBRAITH, 2001, p. 193). Quanto mais lermos, mais experiências iremos ter e, conseqüentemente, mais conheceremos o mundo e a cultura ao nosso redor. O leitor não poderia ser considerado apenas um papel em branco, sem conhecimento de mundo, já que ele é um ser socializado que possui experiências concretas da sociedade e carrega um histórico de obras já lidas que podem moldar suas expectativas.

Assim, o leitor precisa levantar objeções frequentemente para que possa colocar significado no texto. O que é escrito e lido constrói as ilusões, o leitor oscila

entre o envolvimento e a observação desse novo mundo apresentado. A obra literária concretiza o sentido quando o leitor a interpreta e traz a verdade do texto para o seu cotidiano. “Dessa maneira, a obra literária deve exigir um leitor reconfigurador dos mundos possíveis que ela pode oferecer, de modo que a totalidade dos sentidos não esteja contida somente no texto”. (EINCHENBERG, 2007, p. 114)

A leitura reflete a estrutura da experiência necessária para questionar ideias e atitudes que formam a nossa própria personalidade, antes que experimentemos esse mundo desconhecido que o texto nos oferece. Mas durante esse processo, incorporamos o que não nos é familiar e o tornamos em algo que conhecemos, assim:

a literatura – incluindo literatura infantil – tem sido uma pioneira em apresentar a experiência da criança individual – pense nos primeiros capítulos de obras de Brontë, Dickens, Proust, Joyce, ou as representações pioneiras da criança em Hans Christian Andersen, Mark Twain e Robert Louis Stevenson²⁶ (GALBRAITH, 2001, p. 195)

A descrição da criança leitora acontece em nível da história, na qual as personagens adultas cooperam com a voz e os interesses da criança, já que os adultos das histórias citadas acima encontram ou falham em encontrar as crianças. No nível do discurso, a narrativa é diferente de quando se trata de personagens crianças ou adultas, já que, normalmente, as crianças apresentam mais fé no futuro que os mais velhos.

3. 1 O PROCESSO DE LEITURA

Historicamente, o processo de leitura infantil está vinculado à escola. Embora nem sempre as crianças aprendam a ler na escola, é por intermédio dela que a criança se habilita e pratica a leitura. Uma outra forma de início da leitura é por meio da família, já que muitas mães iniciam a alfabetização e incentivam o gosto pela leitura. Isabel Solé considera

que o fundamental é que o escrito transmite uma mensagem, uma informação, e que a leitura capacita para ter acesso a essa linguagem. Na aquisição desse conhecimento, as experiências de leitura da criança no seio da família desempenham uma função importantíssima. Para além da existência de um ambiente em que se promova o uso dos livros e da disposição dos pais a adquiri-los e a ler, o fato de lerem para seus filhos

²⁶ “Literature – including children’s Literature – has been the real pioneer in presenting the experience of individual child SELVES – think in particular of the early chapters of works by Bronte, Dickens, Proust, and Joyce, or the pioneering representations of child SELF in Hans Christian Andersen, Mark Twain, and Robert Stevenson.”

relatos e histórias e a conversa posterior em torno dos mesmos parecem ter uma influência decisiva no desenvolvimento posterior destes com a leitura (SOLÉ, 1998, p. 54)

Assim, o contato da criança com o livro deve ser estimulado antes mesmo da idade escolar. A criança deve descobrir o gosto pela leitura antes de aprender a ler, para que ela se situe e se integre no contexto cultural da sociedade em que vive. Acreditamos que se os pais praticam a leitura, e se essa é exercida no ambiente escolar, a criança se tornará um leitor com mais facilidade.

Isso posto, consideraremos aqui o processo de leitura não apenas a alfabetização, mas também o contato e o gosto pela leitura, já que muitos aprendem a ler, mas não compreendem o que está escrito. O leitor é, então, um sujeito cognitivo inteligente, que faz hipóteses e inferências, além de mobilizar saberes em novas e imprevisíveis combinações. (KLEIMAN, 2004, p. 15). Dado isso, não entraremos nesse capítulo nas etapas do processo de leitura, inicialmente apresentadas por Cabral em 1986²⁷. A criança só se tornaria leitora no momento que absorve o que leu, parando de olhar não apenas para o livro em si, mas para o meio em que o livro foi lido. Para Coelho, as teorias apresentadas até agora nos levam a questionar o que é o processo de leitura:

Foi exatamente no início deste século [XX] que certas interrogações, provocadas pela evolução das premissas kantianas, avolumaram-se e tornaram-se obsessivas ou angustiantes: como posso saber se minha sensibilidade, minhas sensações ou minhas intuições têm realmente “formas a priori” que fundamentem em verdade o ser-das-coisas? Como saber se essas “formas” foram intuídas e não simplesmente inventadas por mim? Quem me garante que estou expressando corretamente a minha intuição? E que não estou dando uma forma falsa à coisa-a-ser-conhecida? Até que ponto o meu “entendimento discursivo”, a minha “palavra” expressam com autenticidade o meu pensamento? (COELHO, 2000, p. 66).

A leitura, por ser um processo de enriquecimento mútuo, exige espaço e tempo para que os leitores expressem significados e cheguem a conclusões. São pais e educadores que têm o dever de ajudá-los nessa jornada de conhecimento. Por essa razão, é essencial que esses incentivadores se apropriem de diversas estratégias não apenas de alfabetização, mas também de incentivo ao gosto pela leitura. Para Coelho, o leitor “É um ‘eu’ vivo, liberto das deformações do saber estratificado e alimentado pela criatividade artística, que se entrega a responsabilidade de redescobrir as novas

²⁷ Menegassi (1995) resumiu as etapas criadas por Cabral (1986). A primeira dessas é a decodificação, que se segue pela compreensão. A terceira etapa é a interpretação do texto, e após a última etapa consiste na retenção do conteúdo do mesmo.

formas de vida e, por conseguinte, as novas formas do conhecer ” (COELHO, 2000, p. 71).

Será a partir dessa visão que analisaremos, nesta dissertação, as crianças leitoras no século XIX e XX, representadas pelas personagens Matilda e Oliver Twist das obras aqui estudadas. Consideramos, então, que a aprendizagem da leitura não se limita à decifração de signos gráficos, mas a todo um percurso escolar de desenvolvimento da compreensão da leitura e dos interesse e hábitos leitores.

3.2 A LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil é um fenômeno mundial no mundo moderno. Através dos tempos, as crianças ouviram histórias contadas pelos mais velhos, normalmente sentadas ao redor do fogo, experimentando contos, histórias cômicas e trágicas. A literatura é uma experiência compartilhada que ajudava a unir a sociedade (RUSSELL, 2012, p. 1). A literatura infantil tem, assim, uma tarefa fundamental: cumprir o papel de agente de formação, transmitindo valores e outros aspectos da sociedade. Zilberman (2003, p. 12) aponta que “a literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa que está voltada para toda a cultura. ”

A importância dada à literatura para crianças é algo relativamente recente. As primeiras obras publicadas que tinham a criança como alvo surgiram na primeira metade do século XVII, na Europa. Antes disso, histórias como as fábulas de La Fontaine²⁸ eram também lidas para crianças, mas não eram destinadas apenas a esse público (BIASIOLI, 2007). Durante o século XVII, a única literatura que tinha as crianças como foco eram as fábulas, que ensinavam valores, hábitos e ajudavam-nas a enfrentar a realidade social. Nessa época, as crianças nobres liam clássicos da literatura infantil, enquanto as crianças de classe baixa ouviam lendas de sua região (OLIVEIRA, 2017).

²⁸ Jean de La Fontaine (1621-1695) além de compor suas próprias fábulas, também reescreveu em versos franceses muitas das fábulas antigas de Esopo e de Fedro. Nas escolas dos países de língua francesa, as fábulas de La Fontaine são estudadas e aprendidas de cor pelas crianças, desde o início de sua escolarização. Como o autor escreveu as fábulas de forma que elas rimassem, sua memorização é mais fácil (BAGNO, 2006).

A industrialização foi um dos fenômenos que marcaram o século XVIII e, mesmo que indiretamente, favoreceu o mercado literário dedicado a crianças. O infante passa a ter um novo papel na sociedade dessa época, já que objetos industrializados como o brinquedo e o livro passam a ser criados exclusivamente para ele. No final do século XVIII, o conceito de criança é alterado, a criança é vista como independente e não uma miniatura do adulto, e a literatura infantil começa a ganhar espaço através da fábula (OLIVEIRA, 2017). É nesse período que surgem novos ramos da ciência dedicados às crianças, como a psicologia, a pedagogia e a pediatria. Nesse período, a tipografia também é aperfeiçoada, e expande-se a produção de livros - literários, científicos e infantis (BIASIOLI, 2007).

Durante o século XIX, a literatura continuava a ser publicada para jovens leitores, mas ela foi levemente modificada. Na Alemanha, Jacob e Wilhelm Grimm²⁹ publicaram, em 1812, seu primeiro livro de contos de fadas. Enquanto as fábulas do século XVIII negavam a existência de bruxas, seres míticos e magia, os contos dos irmãos Grimm eram repletos desses elementos. As crianças passaram, então, a ler mais essas histórias. Em 1835, Hans Christian Andersen³⁰ publicou um livro com histórias que tinham elementos similares as dos irmãos Grimm. A partir de então, grandes autores, como Lewis Carroll, começaram a ser publicados (RUSSEL, 2012).

Enquanto isso, no século XX³¹, a literatura infantil cresceu porque houve avanços não apenas nos processos educacionais, mas também novas abordagens da infância pela psicologia. Porém, cada criança é apresentada à literatura de uma maneira única, e as formas como *Matilda* e *Oliver Twist* foram introduzidos ao mundo da literatura são diferentes, sendo esses aspectos estudados neste capítulo.

Coelho (2000) exemplifica as diferenças entre os conceitos da literatura infantil do século XIX e do século XX, que são o foco para esta dissertação. A literatura infantil no século XIX era voltada ao individual e ao respeito pela autoridade. No século XX, o espírito do leitor questionava a autoridade e pensava no coletivo e não no individual.

²⁹ Jacob Grimm (1785 – 1863) e Wilhelm Grimm (1786 – 1859), também conhecidos como os irmãos Grimm, foram acadêmicos, linguistas e escritores dedicados ao público infantil. Sua primeira obra literária foi *Os contos dos irmãos Grimm* (1812). Antes deles, Perrault também coletou contos tradicionais e os transformou em obras literárias.

³⁰ Hans Christian Andersen (1805 – 1875), também conhecido apenas por suas iniciais H. C. A., era um poeta e escritor dinamarquês de histórias infantis. Dentre suas obras estão os “contos” *O Patinho Feio* e *O Soldadinho de Chumbo*.

No quadro a seguir, podemos observar como os valores mudaram na criação de obras criadas para as crianças, sendo o tradicional relacionado ao século XIX e parte do século XX e o novo relacionado à meados do século XX:

Quadro 1 – Literatura infantil

O TRADICIONAL	O NOVO
1. Espírito individualizado	1. Espírito solidário
2. Obediência absoluta a Autoridade	2. Questionamento da Autoridade
3. Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer, acima do ser	3. Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser
4. Moral dogmática	4. Moral da responsabilidade ética
5. Sociedade sexófoba	5. Sociedade sexófila
6. Reverência pelo passado	6. Redescoberta e reinvenção do passado
7. Concepção de vida fundada na visão transcendental da condição humana	7. Concepção de vida fundada na visão cósmica/existencial/mutante da condição humana
8. Racionalismo	8. Institucionalismo fenomenológico
9. Racismo	9. Antirracismo
10. A Criança: “adulto miniatura”	10. A Criança: ser-em-formação (“mutantes” do novo milênio)

Fonte: COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

Coelho (2000) demonstra a transformação da literatura infantil e espera que esses dados ajudem no entendimento da mudança dessa modalidade de literatura. A autora ainda acredita que o objetivo da literatura infantil é “atrair o pequeno leitor para o processo de descoberta do mundo. É levá-lo a participar dinamicamente do ato de leitura, entendida como o prolongamento do ato-de-viver, em toda a sua abrangência” (COELHO, 2000, p. 131).

Consideramos que a literatura infantil é responsável direta pela configuração dos horizontes de expectativas das crianças, pois, ao contrário de outras modalidades literárias, “a literatura infantil possui um tipo de leitor que carece de uma perspectiva

histórica e temporal que lhe permita pôr em questão o universo representado” (Zilberman, 1984, p. 134). As diferenças entre a literatura para adultos e a literatura infantil podem ser as mais diversas. Luckens (2007) aponta que as crianças leitoras estão à procura de entretenimento nas obras que leem, como a autora aponta:

Crianças não são mini adultos. Elas são diferentes em termo de experiências, mas não de espécie, ou colocando isso de forma diferente, em grau mas não em tipo. Podemos dizer então que a literatura para jovens leitores se diferencia da literatura para adultos em grau, mas não em tipo. Nós as vezes esquecemos que a literatura infantil pode e deve oferecer o mesmo nível de entretenimento e compreensão que a literatura para adultos³² (LUCKENS, 2007, p. 9).

Como a compreensão das crianças é diferente da dos adultos, a necessidade de expressão de ideias deve ser diferenciada na literatura infantil. Autores que escrevem para crianças devem procurar o uso de um vocabulário mais simples. (LUCKENS, 2007). É interessante apontar que a literatura infantil é, normalmente, escrita sob a óptica de um adulto, e recebida sob a percepção de uma criança. Por isso, esse tipo de literatura, no passado, foi muitas vezes considerada literatura pedagógica. Atualmente, a literatura infantil está mais ligada ao conceito do fantástico do que à formação moral da criança leitora. Os livros infantis lidos por Matilda foram aqueles que incentivaram o gosto pela leitura, apesar de serem as obras destinadas aos adultos as mais citadas na obra. Podemos perceber no seguinte excerto de *Matilda*, que os primeiros livros lidos pela garota eram da seção infantil:

A sra. Felps, apesar de ficar meio surpresa em ver chegar uma menina tão pequena sem a companhia de um dos pais, disse—lhe que ficasse à vontade.
 — Por favor, onde estão os livros infantis? — Matilda perguntou.
 — Estão ali, naquelas estantes mais baixas — a sra. Felps a orientou. — Quer que eu ajude você a encontrar um bem bonito com muitas figuras?
 — Não, obrigada — Matilda disse. — Acho que consigo me arranjar sozinha.
 Desse dia em diante, todas as tardes, logo depois que a mãe saía para o bingo, Matilda ia até a biblioteca. Era uma caminhada de apenas dez minutos, e assim lhe sobravam duas horas gloriosas para ficar sentada em silêncio, sozinha, num canto tranquilo, devorando um livro atrás do outro. Depois de ler todos os livros infantis que havia na biblioteca, ela passou a percorrer as estantes em busca de alguma outra coisa (DAHL, 1998, p. 6).

É nessa medida que a literatura infantil tem a função de abrir portas para o mundo literário, transformando crianças em leitores. Essa literatura pode, também, conduzir à ampliação do domínio linguístico do leitor, já que este encontra as mais

³² Children are not little adults. They are different from adults in experience, but not in species, or to put it differently, in degree but not in kind. We can say then of literature for young readers that it differs from literature for adults in degree but not in kind. We sometimes forget that literature for children can and should provide the same enjoyment and understanding as does literature for adults.

diversas estruturas sintáticas em obras infantis. Nesse sentido, a literatura infantil age à revelia da criança, ajudando no seu crescimento como leitora e como participante de uma sociedade. Luckens (2007) afirma que as crianças encontram prazer em rimas e brincadeiras e que a literatura infantil deve estar repleta delas. A literatura infantil, assim, deve conter elementos próprios para as crianças e linguagem apropriada. As ideias, se expressas de forma mais poética, podem conquistar a criança e transformá-la em leitora. Se tomarmos as duas obras em questão, veremos a forma física em que elas são apresentadas modificam o modo em que o leitor as veem. Na versão aqui utilizada, *Oliver Twist* não contém imagens ou qualquer outro tipo de ilustração, além de ter fontes e espaçamentos menores do que *Matilda*. Enquanto isso, *Matilda* é repleta de ilustrações originais, além de possuir linguagem mais informal.

3.3 OLIVER TWIST: A CRIANÇA LEITORA NO SÉCULO XIX

Oliver Twist é descrito como “parish boy”, o garoto da paróquia. Ele era assim chamado porque era pobre e órfão, sendo responsabilidade da Igreja da Inglaterra, que era dividida em comunidades locais conhecidas como paróquias. Nelas, muitos jovens, como o protagonista da obra aqui estudada, passavam fome, já que a comida não era o suficiente para alimentar todas as crianças. Além de não haver alimento para eles, a educação e a segurança não eram prioridades dos religiosos (RIBAS, 2010). Nesse contexto, as autoridades religiosas se importavam mais com o dinheiro que recebiam do que com a educação das crianças que tinham sob tutela. Com isso, Oliver não aprendeu a ler no início da sua infância.

O fato de o estado laico não oferecer educação pública e de o ensino para crianças não ser obrigatório no início da Era Vitoriana contribuíam para que apenas os mais privilegiados fossem à escola – apenas aqueles que podiam arcar com as despesas financeiras eram devidamente alfabetizados e educados. Quando entra em contato com a gangue de Sikes e Fagin, Oliver recebe uma educação diferente daquela que era esperada. Os dois bandidos começam a ensiná-lo sobre o mundo do crime, sem que a criança ao menos desconfie. Percebemos, pelo excerto a seguir, que até mesmo os ladrões da sociedade vitoriana priorizam algum tipo de educação, de acordo com o judeu:

— Porque esses [jovens órfãos] não prestam para nada, meu caro — respondeu o judeu um pouco atrapalhado. — Não vale a pena educá-los;

quando a polícia os fila ficam logo com uma cara de confissão e lá os perco todos. Oliver não é assim; quando estiver bem-educado posso fazer mais com ele que com vinte (DICKENS, 2013, p. 191).

Felizmente, para Oliver, após algumas desventuras, ele entra em contato com o Sr. Brownlow, que o alfabetiza e apresenta a ele o mundo literário mudando sua percepção da sociedade - podemos perceber que, antes disso, ele era mais inocente em relação ao mundo que o cercava. Acreditamos que esse fato ocorre porque pessoas pertencentes à classe burguesa acolhiam jovens menos afortunados com o intuito de alfabetizá-los, livrando-os do mundo do crime. Para Čásenká,

[...] os membros das classes superiores estavam preocupados em criar estratégias de correção das crianças criminosas. Uma das ideias mais aceitas era certificar-se de que essas crianças tivessem contato com a educação, já que poucas escolas destinadas aos menos afortunados existiam³³ (ČÁSENSKÁ, 2016, p. 13).

O Sr. Brownlow também explica ao jovem protagonista como o mundo funciona, tornando Oliver mais ciente do que os outros planejam ao seu redor. Um dos primeiros contatos de Oliver com a literatura ocorreu quando este despertou de seu sono profundo após sofrer as consequências de um roubo que dera errado. Na obra, o garoto entra pela primeira vez na biblioteca do Sr. Brownlow:

[...] Oliver obedeceu admirando-se que pudesse haver quem lesse tantos volumes, escritos, segundo parecia, para tornar o mundo mais sábio; objeto de espanto continuado para pessoas mais experimentadas que *Oliver Twist*. — São muitos livros, não? — perguntou o Sr. Brownlow, observando a curiosidade de Oliver a olhar para as estantes.
— Sim, senhor, muitos — disse Oliver —; nunca vi tantos livros assim.
— Há de lê-los — disse o Sr. Brownlow com bondade — e há de achar mais gosto do que em ver a encadernação; nem sempre, porque há livros cujo valor está todo na capa.
— São talvez aqueles livros grossos — disse Oliver apontando para uns *in quarto* de encadernação dourada.
— Nem sempre — disse o velho sorrindo. — Há alguns que são muito pesados posto sejam de pequeno formato. Você quer escrever livros?
— Creio que os prefiro ler — disse Oliver.
— Como! — disse o Sr. Brownlow. — Não queria ser autor?
Oliver refletiu um pouco e acabou dizendo que achava melhor ser livreiro. O velho riu muito e disse que a resposta era excelente; o que alegrou Oliver, que se não supunha tão engraçado.
— Descanse — disse o Sr. Brownlow, voltando ao tom sério. — Você não será autor enquanto puder aprender outro ofício, ainda que seja o mais ínfimo.
— Obrigado — disse Oliver (DICKENS, 2013, p. 138).

Percebemos em *Oliver Twist*, que o modo do protagonista ver o mundo é modificado quando ele entra em contato com a literatura e percebe a alteridade entre

³³ “So the members of the higher classes were concerned with inventing strategies of the rectification of criminal children. One of the most positively accepted ideas was to ensure these children education, a few schools intended especially for the poorest children came to existence”.

o bem e o mal, ao diferenciar as ações de seus tutores e da gangue de Fagin, como apresenta o excerto a seguir:

Ficou mergulhado nestes pensamentos, depois espreitou a vela suspirando e, abrindo o livro que Fagin deixara, entrou a folheá-lo. Folheou-o a princípio com ar distraído; mas para logo deu com um trecho que lhe chamou a atenção e acabou por ficar completamente absorvido na leitura.

Era a história da vida e do processo dos grandes criminosos. O livro servira tanto que as páginas estavam sujas e enegrecidas. Leu a narração de horríveis crimes, crimes de arrepiar os cabelos, assassinatos cometidos secretamente de emboscada, histórias de cadáveres lançados dentro de poços, que apesar de profundos não os puderam guardar muito tempo; ao cabo de alguns anos foram achados, e os assassinos, ao vê-los, confessaram tudo e por isso foram ter à forca.

Adiante havia a história de homens que pouco a pouco se haviam familiarizado com a idéia do crime e acabavam cometendo horrores.

Todos esses quadros eram traçados com tal verdade que as páginas do livro aos olhos de Oliver pareciam ter uma cor de sangue.

A criança aterrada atirou o livro para longe; caiu de joelhos e pediu a Deus que o deixasse puro de semelhantes crimes e lhe mandasse antes a morte do que lhe permitisse ficar assassino (DICKENS, 2013, p. 196).

Além de elucidar a influência dos livros sobre Oliver, o trecho acima mostra como as crianças, desde o século XIX, tomavam a iniciativa de ler não apenas literatura infantil, mas também outros livros que lhes caíam nas mãos. O livro encontrado por Oliver, nessa parte da obra, evidencia como a cultura, mesmo que seja aquela da classe dos ladrões, era passada aos leitores. Oliver aprende com o livro entregue por um dos bandidos como a vida criminosa funciona e consegue decidir se gostaria ou não de ter esse papel na sociedade. Para Heywood (2004), os infantes compartilhavam a predileção adulta por livros vendidos em bancas que contavam experiências diárias, contos populares que eram lidos pela grande maioria alfabetizada. Esses livros cobriam uma gama de assuntos que incluíam lendas e moldavam a forma de o leitor ver o mundo.

3.4 MATILDA: A CRIANÇA LEITORA NO SÉCULO XX

Matilda desenvolveu o gosto pela leitura sem o estímulo de sua família, o que pode ter influenciado ainda mais na sua emancipação. O narrador da obra afirma que Matilda aprendeu a ler sozinha e que, quando atingiu três anos de idade, já havia lido todas as revistas de sua casa e o único livro que havia nela, de receitas culinárias. Matilda não é encorajada a ler pelos seus pais. Percebemos a indiferença da família de Matilda em relação à literatura, quando ainda pequena, pede para que seu pai lhe compre um livro, e ele diz que esses são desnecessários:

- Papai, será que você pode me comprar um livro? – ela pediu.
- Um livro? – o pai se espantou. – Para que você quer um livro?
- Para ler, papai.
- Mas e a televisão? Compramos uma TV linda, de doze polegadas, e você vem me pedir um livro! Você anda muito cheia de vontades, menina! (DAHL, 2010, p.6).

A independência leitora e social de Matilda se inicia, em nossa concepção, nesse momento, quando ela decide ir por conta própria até a biblioteca pública à procura de mais livros. É também sozinha que a menina decide quais livros ler. Ela escolhe quais obras literárias gostaria de conhecer, quais mundos gostaria de visitar. Na passagem seguinte, percebemos como o narrador mostra que Matilda passa por diversas experiências durante suas leituras. Na passagem da página 16 da obra, o narrador indica como os livros levam os leitores para novos mundos e as apresentam para pessoas diferentes. Ele também cita que Matilda navegou com Joseph Conrad, visitou a África com Ernest Hemingway e a Índia com Rudyard Kipling, tudo isso sentada em seu pequeno quarto em uma cidadezinha inglesa.

As culturas desses livros passam a ser parte da experiência leitora da personagem e a ajudam a compreender a sociedade na qual se encontra, além de outras sociedades ao redor do mundo. Em um primeiro momento de leitura, Matilda lê todas as obras infantis que a biblioteca oferece, mas também explorando o texto em si. Podemos ver isso na seguinte passagem do livro, quando sua professora pergunta a opinião da garota sobre os livros que leu e qual seria o seu preferido:

- O leão, a feiticeira e o guarda-roupa – Matilda disse. – Acho C. S. Lewis um ótimo escritor. Mas ele tem um defeito, nos livros dele não tem nenhum trecho engraçado.
- Tem razão – a srta. Mel concordou.
- Também não tem muita coisa engraçada em Tolkien.
- Você acha que todos os livros infantis deveriam ter coisas engraçadas?
- Acho – Matilda respondeu. – Criança não é séria como adulto, criança adora rir.
- A srta. Mel estava assombrada com as reflexões daquela menina tão pequena.
- E o que você vai fazer agora que leu todos os livros infantis da biblioteca?
- Estou lendo outros livros – Matilda contou. – Eu pego emprestado na biblioteca. A sra. Felps é muito boa comigo. Ela me ajuda a escolher.
- A srta. Mel inclinou-se sobre a mesa e fitou maravilhada aquela criança incomum. Ela esquecerá completamente o resto da classe.
- Que outros livros? – murmurou.
- Gosto muito de Charles Dickens. Ele me faz rir muito. Principalmente com o sr. Pickwick (DAHL, 2010, p.81).

Apenas nesse curto trecho do livro, podemos perceber quais autores podem ter ajudado na constituição do pensamento de Matilda. O texto seria uma experiência imediata que ajudaria a constituir o modo de o leitor ver o mundo. Quando Matilda

afirma que “criança não é séria como adulto, criança adora rir” (DAHL, 2010, p. 81), ela exemplifica a sua forma de ver a sociedade em que vive.

A menina é rodeada de adultos que não fazem brincadeiras e estão em contato com coisas que não lhe interessam. Sua mãe está sempre brava porque tem que cozinhar ou está passando o tempo fora de casa, jogando bingo com as amigas. Enquanto isso, seu pai está frequentemente atarefado com seu trabalho e arrumando novas formas de ganhar mais dinheiro; quando está em casa ele apenas assiste à televisão. A única criança com quem Matilda tem contato antes da escola é seu irmão mais velho, que apenas ri quando está sentado na frente da televisão. A personagem principal dessa obra observa, nos livros, crianças que gostam de brincar, de se divertir e de rir, o que não vivencia em seu cotidiano.

No trecho citado, Matilda também menciona Charles Dickens, cujos livros normalmente contêm artimanhas, dessas que a garota passa a fazer com os adultos que não a respeitam. As crianças de Dickens³⁴ normalmente fazem brincadeiras maldosas com os adultos, assim como Matilda fará com o seu pai, como esta:

Na manhã seguinte, um pouco antes de seu pai sair para aquela abominável garagem de carros usados, Matilda foi de mansinho até o capeiro e pegou o chapéu que ele usava todos os dias para trabalhar. Teve que ficar na ponta dos pés e esticar-se o mais possível, com uma bengala na mão, para derrubar o chapéu do cabide, e mesmo assim quase não conseguiu. Aquele chapéu de copa lisa e aba virada, com uma pena de gaio na faixa, era o maior orgulho do sr. Losna. Ele achava que o chapéu lhe dava um ar ousado, especialmente quando o usava meio inclinado na cabeça, junto com o paletó xadrez berrante e a gravata verde.

Matilda, com um tubinho de Supercola na mão, foi soltando um fio contínuo de cola por dentro da borda do chapéu. Depois, cuidadosamente, tornou a pendurá-lo no gancho com a ajuda da bengala. Cronometrou precisamente toda a operação, aplicando a cola no momento em que o pai se levantava da mesa do café (DAHL, 2010, p. 26).

O enredo segue, e o senhor Losna coloca seu chapéu para ir trabalhar. Lá ele descobre que o chapéu está colado em sua cabeça, e que será impossível tirá-lo sem dor. O fato de ninguém desconfiar que Matilda aprontou com o seu pai apenas enfatiza que os adultos ao seu redor a consideravam boba e sem inteligência, circunstância que ela aproveita para sair impune.

³⁴ É interessante apontar aqui que Dickens não escrevia especificamente para crianças, mas para o público em geral, que muitas vezes incluía crianças (MALKOVICH, 2013, p. 2).

Em outro trecho dessa obra, a senhorita Felps, bibliotecária, perguntou a Matilda que tipo de livro a garota queria ler depois de ter lido todos os da seção infantil, e provavelmente, assim como os seus pais, não esperava a resposta que a menina deu: “– Queria um livro bom de verdade, daqueles que os adultos leem. Um livro famoso. Não sei de nenhum título” (DAHL, 2010, p. 9). A personagem principal da obra, provavelmente estava se referindo nessa passagem a livros clássicos, que os adultos costumam comentar em suas conversas. No entanto, como os adultos ao seu redor não tinham o hábito da leitura, ela não conhecia o nome de nenhuma obra.

A questão da educação formal também ajuda na emancipação de Matilda. Karavitis (2014) afirma que para que uma sociedade produza cidadãos funcionais, que possuam valores morais, eles precisam ser educados para isso. É na escola que esse tipo de educação normalmente se dá. Existem muitas escolas que priorizam a leitura, mas esse não é o caso da escola Crunchem Hall, na qual Matilda estuda. Nela, conformidade e obediência são os principais valores, enquanto a criatividade e a independência são condenadas, como vemos em Karavitis (2019, p. 94):

No mundo de Matilda, a sociedade espera que os cidadãos tenham aprendido não apenas as noções básicas como ler, escrever e aritmética, mas também como se comportar corretamente. As crianças adquirem ambas as noções básicas e um conhecimento de como se comportar ao longo dos muitos anos de escolaridade obrigatória.³⁵

A diretora da escola em que Matilda estudava não se preocupava se a garota estava mais adiantada que os seus colegas. Para ela, o importante era que a menina se comportasse em sala de aula. No momento em que a professora de Matilda, senhorita Mel, informou a diretora que a garota poderia ir para uma série mais avançada por causa do seu conhecimento, a diretora apenas disse que a professora estava tentando se ver livre de mais uma criança mal-educada. Nessa situação, a professora teve que agir sozinha para que Matilda progredisse nos seus estudos: decidiu entregar à aluna livros das séries mais avançadas para que ela lesse durante as aulas e tirasse as dúvidas no término do dia. Essa ação da professora pode ter ajudado muito na emancipação de Matilda. Muitas vezes, mesmo sem compreender o que alguns livros que a professora lhe oferecia diziam, a menina continuava a se apropriar dos mundos que eles exemplificavam, conforme a citação:

³⁵ In the world of Matilda, society expects its citizens to have learned not only basic skills such as Reading, writing, and arithmetic but also how to behave properly. Children acquire both the basic skills and an understanding of how to behave over many years of compulsory schooling.

– Hemingway diz muita coisa que eu não entendo – Matilda comentou com ela. – Principalmente sobre homens e mulheres. Mas eu adorei assim mesmo. O jeito que ele tem de contar as coisas me faz sentir como se eu estivesse ali, vendo tudo acontecer (DAHL, 2010, p.13).

O modo de Matilda ver o mundo foi aos poucos se modificando por causa de suas leituras. Podemos observar que, no início do livro que leva o seu nome, a garota era mais retraída e não questionava os adultos ao seu redor. No momento em que seus pais diziam para ela ficar em casa assistindo à televisão e recebendo encomendas, ela o fazia. Porém, quanto mais lia, mais Matilda tinha vontade de conhecer o mundo. Foi com a ajuda dos livros da biblioteca pública que a garota tomou a decisão de que gostaria de ir para uma escola estudar, e foi com a ajuda dos livros da escola que Matilda decidiu investigar o passado de sua diretora e de sua professora. Finalmente, a decisão mais emancipadora dessa personagem se deu no final da obra, quando ela prefere morar com a sua professora do que fugir da polícia com os seus pais:

– Papai! Mamãe! – Matilda gritou, quase sem ar. – Não quero ir com vocês! Quero ficar aqui, morando com a srta. Mel. Ela disse que eu posso, mas só se vocês me derem permissão! Por favor, deixem! Por favor, papai, diga que sim! Diga que sim, mamãe! (DAHL, 2010, p. 252).

O narrador mostra como a visão de Matilda mudou no decorrer da obra:

Suas leituras haviam lhe dado uma visão de vida que eles jamais tinham conhecido. Se eles pelo menos lessem um pouco de Dickens ou Kipling, logo descobririam que a vida era mais do que enganar as pessoas e ver televisão (DAHL, 2010, p. 24).

A personagem Matilda teve seu modo de ver o mundo modificado devido às experiências vividas e aos livros que leu, demonstrando como obras literárias oportunizam ao leitor novas formas de ver o mundo. As experiências de vida e de obras literárias lidas lhe deram a autonomia de decidir o seu próprio futuro, sem que os adultos a influenciassem.

Iser (1980) afirma que a leitura modifica a percepção do leitor. No início da obra de Dahl, Matilda não questionava os adultos ao seu redor, o que muda no decorrer da narrativa. A garota passa a questionar as ações da família, e, além de ser vingado de seu pai, como assinalado anteriormente, Matilda faz o mesmo com a diretora da escola. O narrador aponta como a menina se sentiu após ter se vingado:

Quanto a Matilda, ela continuava imóvel, sentada em sua carteira. Sentia-se estranhamente eufórica. Era como se tivesse tocado em algo que não pertencia a este mundo, o ponto mais alto dos céus, a estrela mais longínqua. Mais uma vez sentira o poder concentrar-se atrás de seus olhos, fluindo como um líquido quente dentro de sua cabeça, e seus olhos haviam se aquecido muito mais do que nas ocasiões anteriores. Uma força imensa emanara de suas pupilas e, então, o pedaço de giz se erguera e começara a escrever. Tinha sido tudo muito fácil, como se ela, na verdade, não tivesse feito quase nada (DAHL, 2010, p. 239).

Com efeito, é preciso refletir sobre o caráter social da literatura, já que o enredo, as personagens e o tema de um livro podem influenciar na emancipação do leitor. A personalidade de Matilda foi modificada desde o início da obra, o que pode ter se dado por diversas razões, sendo uma delas a literatura.

Em suma, acreditamos que leitura, seja ela de clássicos ou não, é uma alternativa que desenvolve o pensamento crítico do leitor. É possível afirmar, então, que a leitura é emancipadora e iluminadora, além de nos permitir ver a vida por outros olhares. Matilda criou a sua visão de mundo com base em suas experiências sociais e literárias, transformando-se em uma menina mais independente de adultos e com opiniões mais fortes que as outras personagens crianças que estudam com ela. Por esses motivos, é de grande importância comparar as duas obras aqui analisadas, a fim de verificar suas semelhanças e diferenças.

4 ESTUDO COMPARATIVO: *OLIVER TWIST* E *MATILDA*

Esses livros deram à Matilda uma mensagem de esperança e conforto: você não está sozinha.

Roald Dahl

A literatura comparada surgiu no início do século XIX e é um ramo da literatura que analisa duas ou mais obras de acordo com os mais variados aspectos, agrupando diversos tipos de análise e envolvendo múltiplos temas. A comparação é utilizada como recurso analítico e interpretativo. Sendo a intertextualidade uma constante na literatura, também é relevante para a literatura comparada. “A literatura comparada é a história das relações literárias internacionais. O comparatista se encontra nas fronteiras, linguísticas ou nacionais, e acompanha as mudanças de temas, de idéias, de livros ou de sentimentos entre duas ou mais literaturas” (GUYARD, 1994, p. 97). Entendemos a literatura comparada como a relação entre autor e autor, obra e obra em diversas sociedades e meios acadêmicos. É o estudo para além das fronteiras de um país ou área de conhecimento específicos, cujos métodos ampliam a perspectiva das obras literárias isoladas.

Em 1598, Francis Meres escreve seu *Discurso comparado de nossos poetas ingleses com os poetas gregos, latinos e italianos*. Já William Fulbecke, em 1602, publica *Um discurso comparado das leis* (CARVALHAL, 1991). Porém, a literatura comparada³⁶ surgiu no século XIX com um intuito diferente, o de investigar “a migração de um elemento literário de um campo literário a outro, atravessando as fronteiras nacionais” (CARVALHAL, 1991, p. 9). Nascida há mais de 160 anos, a literatura comparada é considerada uma disciplina do ponto de vista teórico e metodológico. Ela possui ainda uma concepção da história do século XIX, sendo ela uma história linear e sequencial, diacrônica e causalista (BONIATTI, 2000). Podemos dizer, assim, que a literatura comparada construiu, na área das ciências humanas, uma tradição de questionamento de métodos e técnicas que podem responder às questões inerentes à literatura.

São duas as principais escolas da literatura comparada. A primeira delas ocorre no território francês. Uma das obras francesas mais conhecida dessa área foi escrita

³⁶ É importante lembrar que a denominação “literatura comparada” surgiu para substituir uma anterior denominação de “evolução da literatura” (HELENA, 1994).

em 1816, por Noel e Laplace sob o rótulo de *Curso de literatura comparada*, o qual eles apenas escolheram trechos literários, sem a preocupação de confrontá-los. Para os franceses, as comparações literárias dependiam da existência de um contato real e comprovado entre autores, obras e países. A segunda escola da literatura comparada, a russa, adota como princípio básico a compreensão da literatura como produto da sociedade, analisando sua conexão com outras obras e outros tempos (BONIATTI, 2000).

O modo de ver a literatura comparada foi modificado no decorrer dos anos. No século XX, os pressupostos da literatura comparada foram revistos, juntamente com os seus objetivos. Comparar passou a ser a análise de semelhanças e diferenças. A literatura comparada busca, então, “resgatar as transformações por que passa um produto de uma história anterior, quando é assimilado por uma nova cultura” (BONIATTI, 2000, p. 27). Carvalho (1992) aponta que a literatura comparada não é apenas sinônimo de comparação, já que também é análise e interpretação. Por conseguinte, a literatura comparada propõe um alargamento de perspectivas, contextualizando o texto literário e possibilitando que a literatura seja vista por meio de um recorte diacrônico, sem perder suas referências históricas e culturais.

Em meados dos anos 70, do século XX, esse tipo de literatura apresentava uma perspectiva historicista, decorrente do momento e do contexto histórico, primeiramente ligada ao processo linguístico internacional. Carvalho (1991) entende que a literatura comparada surgiu como uma intenção de cosmopolitismo literário e se converteu em uma disciplina que põe em relação diferentes campos das ciências humanas. A literatura comparada preserva, então, uma natureza de mediação entre dois ou mais elementos que explora nexos e relações. Carvalho afirma que a literatura comparada

vai privilegiar confrontos que digam mais sobre os procedimentos textuais. É o caso, por exemplo, das comparações da literatura com os escritos históricos, que analisa a presença em ambos de esquemas narrativos semelhantes e semelhantes esquemas de compreensão. Tais estudos levam à identificação de certas qualidades e certas operações de linguagem que caracterizam a produção textual. Nessa direção não é difícil perceber como o comparativismo literário pode ser uma forma de reflexão generalizadora e mesmo teorizadora sobre o fenômeno literário (CARVALHAL, 1991, p. 13).

Souza (1992), na esteira das reflexões de Carvalho, salienta que o primeiro ponto a ser destacado refere-se à experiência humanista e interdisciplinar da área de

Letras. A teoria comparatista constrói uma ponte entre as manifestações internas e externas, construindo um polo de oposições ou semelhanças. A partir do século XX, os estudiosos de literatura comparada deixaram de ver a história literária como um conjunto acumulativo do que se produziu e passaram a encarar esse tipo de literatura como a escritura constante de textos antigos com o olhar no presente.

Não apenas as obras foram escritas no passado, mas também os indivíduos são historicamente situados, construindo suas narrações com base em uma visão de um determinado tempo e local. O que passa a ser analisado a partir desse período não é a importância de um texto literário e, muito menos, a relação do autor com os fatos apresentados na obra, o que aconteceu durante muito tempo. A análise, agora, é da ligação entre fatos apresentados nas obras e as sociedades nas quais elas foram escritas.

No Brasil, inicialmente, esse tipo de abordagem literária estava voltado para a articulação, relação e, muitas vezes, tradução do texto internacional e do texto nacional. Dito isso, é esperado que o professor ou estudioso de literatura comparada seja fluente em mais de dois idiomas, o que, ao longo dos anos, foi modificado. Lucia Helena (1994) aponta que estudos feitos nos anos 1990, especificamente do feminismo, têm sido fundamentais para entender o tema e metodologia comparatistas, já que estes ressaltam a importância das diferenças sociais, elevando a discussão sobre minorias étnicas, de gêneros e sexuais.

Como já dito anteriormente, *Matilda* e *Oliver Twist* foram escolhidos para serem analisados porque *Matilda* é um clássico infantil pouco explorado e que cita muitos livros, dentre eles, *Oliver Twist*, cujo autor é mencionado mais de duas vezes na primeira obra. A partir dos estudos de Bakhtin (2010) sobre o romance do século XIX, percebemos que esse tipo de escrita inaugura uma nova modalidade de discurso, repleto de pluralidade de vozes, resultante do diálogo da obra analisada com outras obras. Com isso, compreendemos que o modo de produção de um texto passa por diferentes origens e influências, produzindo intertextualidade.

Muitos são os aspectos que podem ser analisados por meio da literatura comparada em relação às duas obras aqui estudadas. Todavia, escolhemos os três principais aspectos que consideramos os mais importantes para a representação da criança leitora nos dois livros. O primeiro dos ângulos analisados é a relação das duas

personagens crianças com os adultos. Ambas sofrem com abusos psicológicos por parte das suas primeiras famílias e, no final, acabam por entrar em contato com adultos que as priorizam dentro de outro círculo familiar e lhes transmitem conhecimentos. A forma como Oliver passa pelas mãos de bandidos e após se torna parte de uma família que o ama e o educa é similar ao fato de Matilda que não era tratada bem em sua família e passa a ser quando é adotada pela senhorita Mel.

O segundo elemento que será examinado neste capítulo é a questão do sucesso das duas personagens crianças, que eram menos privilegiadas e depois ganham o papel de destaque no ambiente em que vivem. Tanto Oliver quanto Matilda eram menosprezados por suas famílias e amigos, que, muitas vezes, desconsideravam sua inteligência. A terceira parte desse capítulo tratará as diferentes formas como as personagens aqui estudadas entraram em contato com a literatura e como acontece a leitura no período da infância.

4.1 A RELAÇÃO COM OS ADULTOS

A relação das crianças com adultos foi modificada através dos tempos. Como já comentado anteriormente, foi no século XIX que as crianças deixaram de ser miniaturas de adultos e passaram a ser consideradas seres diferenciados. Tanto Oliver Twist quanto Matilda tiveram diferentes experiências quando se trata do contato com os adultos. Oliver foi menosprezado pela sua primeira família, a igreja, e o mesmo aconteceu com Matilda. Para Zilberman (1984, p. 133),

a representação do relacionamento com os adultos vincula-se à natureza ideológica da obra. Pois é da oscilação entre transmissão de normas, que denunciam a ingerência das concepções adultas na confecção do relato, e a discussão da validade das mesmas que provém do caráter doutrinário ou não do texto.

Ambas as personagens tiveram maior contato com adultos dentro de suas famílias, e tais famílias têm sido muito estudadas no decorrer da história. Heywood (2004) afirma que a concepção de infância, existente em diferentes contextos, é caracterizada por um processo dialético de idas e vindas, avanços e retrocessos, não é uma construção linear, mas sinuosa. Heywood (2004) também enfatiza que fatores políticos, econômicos e sociais que já aconteceram e continuam a acontecer na

sociedade acarretam transformações no modo de conceber a relação da criança com o adulto, levando ao entendimento de diferentes tipos de infância.

Durante a Era Vitoriana, o conceito de família foi modificado, já que os medos e angústias da industrialização foram depositados no meio familiar. Nesse período, as mulheres passaram a participar mais da sociedade como força de trabalho, transformando a relação de pais e filhos, diminuindo o poder masculino na família. (NEWSON, 2006). Porém, não é essa a família retratada em *Oliver Twist*, já que a personagem principal é órfã de pai e mãe. No início da obra, o narrador conta que se o bebê Oliver não tivesse sido cercado por uma família amorosa, ele teria morrido. Fica claro que essa passagem é uma ironia do narrador, já que logo após, é contado como o pequeno Oliver realmente vai ser criado, como podemos perceber na seguinte passagem:

Houve imensa dificuldade em fazer com que Oliver desempenhasse as funções respiratórias, exercício fatigante, mas necessário à nossa existência. Durante algum tempo ficou o pecurrucho deitado no colchão de lã grosseira, fazendo esforços para respirar, oscilando entre a vida e a morte e inclinándose mais para esta. Se durante esse tempo Oliver estivesse rodeado de avós solicitados, tias assustadas, amas experientes e médicos profundamente sábios, morreria infalivelmente. Mas como não havia ninguém, exceto uma pobre velha que havia bebido um trago demais e um médico pago por ano para esse trabalho, Oliver e a natureza ficaram sozinhos em face um do outro (DICKENS, 2013, p. 29).

Zilberman (1984) afirma que as crianças do século XIX continuaram a ser abandonadas precocemente, sendo forçadas a trabalhar cedo, sofrendo violência e muitas vezes sendo negligenciadas. A criança representada por *Oliver Twist* é, por diversas ocasiões, objeto de rejeição e abuso, já que não apenas Oliver é um órfão, mas também é pobre. Como muitas crianças nessa situação durante a Era Vitoriana, Oliver é obrigado a trabalhar para garantir o seu sustento, como vemos no excerto:

Imediatamente estabeleceram como princípio que os pobres pudessem escolher (não se forçava ninguém) uma destas coisas: ou morrer de fome lentamente se ficassem no asilo, ou morrer de repente se saíssem para a rua. Para este fim contratou o conselho com a administração das águas uma quantidade ilimitada delas e com um mercador de trigo a remessa de um pouco de farinha de aveia em períodos determinados; concederam três pequenas rações de mingau por dia, uma cebola duas vezes por semana e a metade de um pão nos domingos (DICKENS, 2013, p. 42).

É nesse segundo momento da obra, quando lhe é dada a opção de sair da paróquia, que Oliver passa a conhecer outros adultos, que não aqueles que o haviam

criado até então. No entanto, o garoto descobre que não será bem tratado novamente, o que o leva a fugir para Londres, onde conhece Fagin e outros criminosos.

Como já comentado no capítulo 3, a relação de Oliver com os bandidos é modificada ao longo da obra. Primeiramente, por sua inocência, Oliver acredita que o estilo de vida dos que o acolheram é bom, e que viverá assim para o resto de sua vida. Há trechos em *Oliver Twist* em que o garoto passa a imaginar como a sua vida será melhor na capital londrina a partir do momento em que encontrou um novo lar para viver, junto com a gangue de Fagin. Porém, após descobrir as verdadeiras intenções de seus parceiros, rejeitando os ideais do grupo, Oliver é mantido em cativeiro e, a partir desse momento, encontra a compaixão de um adulto pela primeira vez, em Nancy, quando ela o defende do cachorro dos bandidos:

— É o mesmo, Guilherme, é o mesmo — gritava a rapariga, lutando energicamente com Sikes. — A criança não será mordida pelo cão ou tu me matarás primeiro.
 — Vais ver! — respondeu Sikes rangendo os dentes. — Sai daí ou morres! O ladrão atirou a rapariga para o fundo do quarto... justamente quando o judeu e os seus dois discípulos entraram trazendo Oliver.
 — Então, o que há? — perguntou o judeu.
 — Creio que esta rapariga enlouqueceu — disse Sikes com ar feroz.
 — Não, não estou louca — respondeu Nancy pálida e ofegante. — Afirme-lhe, Fagin, que não estou louca.
 — Pois então cale-se! — disse o judeu com ar ameaçador.
 — Não, não me calarei — respondeu Nancy. — Tem alguma coisa com isto? (DICKENS, 2013, p.161).

Nancy³⁷, por amar Oliver, ajuda-o a ter uma família com o sr. Brownlow. Este, por ser um aristocrata e ter mais poder social que Nancy, consegue fornecer a Oliver uma vida melhor. Era comum na época que pessoas com maior classe social adotassem crianças ou as educassem para que elas não se tornassem criminosos. Porém, o que o sr. Brownlow fez com Oliver modificou a forma de o garoto ver o mundo, já que agora era amado não apenas por seu pai adotivo, mas também por todos que viviam com ele naquela casa, situação que nunca havia ocorrido em sua vida. Uma das passagens finais da obra mostra isso:

O Sr. Brownlow adotou Oliver como filho. Mudaram-se, eles e a governanta, para uma casa que não distava mais de uma milha da paróquia para onde tinham ido viver seus queridos amigos. Assim formou-se a pequena comunidade tão desejada por Oliver (DICKENS, 2013, p. 481).

³⁷ A personagem Nancy tem grande importância na vida de Oliver, apesar de o garoto nem sempre perceber isso. Se não fosse pela acolhida de Nancy na gangue de Fagin, Oliver teria sido maltratado mais vezes do que foi. Podemos dizer, então, que Nancy foi um dos primeiros vínculos familiares positivos que Oliver teve durante a sua jornada.

O que acontece com Matilda é, ao mesmo tempo, diferente e similar ao que acontece com Oliver. A garota não é órfã, mas sofre o mesmo descaso dos adultos que Oliver sofria. Normalmente, a família inglesa do século XX mostra compaixão com as crianças, que passaram a ser vistas como seres diferentes de mini adultos, a criança tornou-se o centro da família, como mostra Ariès:

Trata-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela (ARIÈS, 1981, p.12).

O autor continua “ Se as crianças são criadas em casa, os pais velam por sua saúde, e elas aprendem mais facilmente a civilidade. ” (ARIÈS, 1981, p. 243). Essa seria a realidade apresentada na sociedade na época em que *Matilda* foi escrita. Porém, não é isso que acontece na obra, já que a família de Matilda a trata apenas como um objeto, sem amor. Percebemos isso no primeiro capítulo do livro quando o narrador aponta que muitas famílias do século XX mimam demais os seus filhos, mas que a família da nossa protagonista foge ao caso, como pode ser visto no seguinte excerto de *Matilda*:

Às vezes encontramos pais que seguem a linha oposta e não demonstram nenhum interesse pelos filhos, e esses são muito piores do que os babões. O sr. e a sra. Losna eram pais desse tipo. Tinham um filho chamado Michael e uma filha chamada Matilda, e tratavam Matilda, particularmente, como se ela fosse uma casca de ferida. Casca de ferida a gente tem que aguentar por algum tempo, até chegar a hora de livrar-se dela e jogá-la fora. O sr. e a sra. Losna não viam a hora de livrar-se da filha e jogá-la longe, de preferência em outro Estado ou em algum lugar ainda mais distante (DAHL, 2010 p. 4).

O narrador continua a exemplificar a indiferença dos pais em relação à personagem principal aqui estudada, quando apresenta que mesmo a garota sabendo falar perfeitamente com um ano em meio, os pais “em vez de aplaudi-la, diziam que ela era uma tagarela barulhenta e que meninhas eram para ser vistas e não ouvidas” (DAHL, 2010, p. 4). Não apenas Matilda era tratada de forma diferente do que a maioria das crianças da época seriam tratadas por seus pais, mas ela também era considerada ignorante pela família. Passagens do livro mostram que seus pais enxergavam o irmão mais velho da garota como a criança inteligente da casa. Isso pode ter acontecido por diversos fatores; um deles relacionado à questão de gênero,

já que, por muito tempo, as garotas não tiveram o direito de ir para a escola receber educação formal.

Matilda tenta superar o ceticismo de seus pais com ironia, a qual eles normalmente não percebem. Na passagem a seguir, o senhor Losna está explicando para o seu filho mais velho como ele lucra com a venda de carros, e Matilda intervém:

- Não entendo como é que serragem pode ajudar você a vender carros usados, papai.
- É porque você é uma ignorante – disse o pai. Suas respostas nunca eram muito gentis, mas Matilda já estava acostumada. Ela também sabia que o pai gostava de contar vantagem e o instigava abertamente.
- Você deve ser muito esperto para encontrar utilidade para uma coisa que não custa nada. Bem que eu gostaria de ser capaz disso.
- Mas não é. Você é muito burra. Mas vou contar para o meu garotão, Mike, pois algum dia ele há de trabalhar comigo (DAHL, 2010, p. 17).

O descaso dos pais de Matilda com ela, muitas vezes, chama a atenção de outros adultos, e mesmo que a Declaração Universal dos Direitos da Criança tenha sido criada em 1959³⁸, poucos eram aqueles que intervinham no modo de os pais educarem os seus filhos. Em uma das idas de Matilda para a biblioteca, a senhora Felps pergunta a Matilda como ela chegou lá:

- Sua mãe traz você até aqui e depois a leva para casa?
 - Minha mãe vai jogar bingo em Av. Lesbury todas as tardes – Matilda respondera. – Ela não sabe que eu venho aqui.
 - Mas isto não está certo. Acho melhor você pedir permissão a ela.
 - Prefiro não fazer isso. Ela não me incentiva a ler livros. Nem meu pai.
 - Mas o que eles esperam que você fique fazendo a tarde inteira em uma casa vazia?
 - Eles acham que eu fico à toa, só assistindo televisão.
 - Ah, sei.
- A sra. Felps ficou preocupada com a segurança da menina, andando sozinha pela rua movimentada, mas resolveu não interferir (DAHL, 2010, p. 11).

Essa mudança de paradigma no que se refere à visão sobre a infância e a relação das crianças com os adultos está diretamente ligada com o fato de que as crianças eram consideradas adultos imperfeitos, como é o caso de *Oliver Twist*, mas não de Matilda. Sendo assim, essa etapa da vida provavelmente seria de pouco interesse. “Somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si só” (HEYWOOD, 2004, p. 10). A Senhorita Mel, por meio de suas

³⁸ A Declaração Universal dos Direitos da Criança foi criada após a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), já que nesse período a criança passou a ser vista como imatura física e mentalmente, precisando de proteção e cuidados especiais, inclusive de proteção legal apropriada antes e depois do nascimento (ONU, 1959).

ações como professora, mostrava que acreditava que cada uma das crianças que frequentavam a sua sala de aula era especial, dando atenção às diferenças e particularidades de cada uma delas. A Senhorita Mel percebeu que Matilda é um ser especial, diferente das outras crianças, que merecia ser tratada como tal. A garota então, passa a ter uma família adotiva, assim como Oliver, quando a professora aceita ser sua mãe, passando a educá-la de uma forma que seus pais biológicos nunca fizeram.

Percebemos, assim, que as relações de Oliver e Matilda com adultos foram precárias no início de suas vidas, já que ambos sofreram abusos psicológicos, mesmo que distintos, por aqueles que os criavam. Felizmente para ambas as personagens, elas entrarem em contato com outras pessoas mais velhas que as educaram e lhes ensinaram o significado do conceito de família.

4.2 O SUCESSO DOS MENOS PRIVILEGIADOS

Matilda e Oliver Twist são personagens que se encontram em situações pouco privilegiadas e alcançam uma vida melhor por meio de seu empenho. Assim sendo, serão analisados por meio do *mito da jornada do herói*, considerando aqui o herói como uma personagem da submissão auto conquistada (CAMPBELL, 1995). Ainda segundo Campbell³⁹, o herói é “o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas”. Ainda segundo Campbell (1995), o herói é uma personagem dotada de dons excepcionais, que costuma não receber reconhecimento da sociedade em que vive ou que sofre de uma deficiência simbólica, que acaba por ter um final feliz no fim da obra. De acordo com o autor, o herói é tanto aquele que busca quanto aquele que é encontrado, sendo parte externa e interna de uma história. Com isso, as histórias contadas pelos narradores das duas obras aqui analisadas são enigmas cujas soluções constituem as façanhas dos heróis.

³⁹ Na obra utilizada como base deste capítulo, Campbell analisa o herói do ponto de vista mitológico dentro da comédia e da tragédia. Segundo o autor, o propósito da obra *O herói de mil faces* é “[...] desvelar algumas verdades que nos são apresentadas sob o disfarce das figuras religiosas e mitológicas, mediante a reunião de uma multiplicidade de exemplos [...]”. (CAMPBELL, 1995, p. 4). O herói é considerado pelo autor o centro do mundo em que vive. Campbell, após, analisa a função do mito, o que não será abordado aqui.

Para Campbell (1995) todas as histórias estão interligadas por meio de um fio condutor comum. Assim, todas as histórias, desde os contos mais antigos, passariam pelas mesmas fases. Dessa forma, a humanidade estaria recontando as mesmas histórias de formas diferentes, através de uma “história oculta” dentro de cada narrativa, também chamada pelo autor de *jornada do herói*. Christopher Vogler (1997) criou um roteiro da jornada do herói a partir das concepções de Joseph Campbell sobre histórias mitológicas de heróis. A jornada do herói, segundo os autores, pode ser dividida em três atos principais, sendo eles a apresentação, o conflito e a resolução. Segundo Campbell (1995), é possível estruturar qualquer enredo ou narrativa por meio desse roteiro, e, com isso, desmontar histórias para identificar os passos que constituem a jornada.

Usaremos esse modelo para analisar os diversos caminhos que as personagens principais das obras aqui estudadas percorreram para alcançar o sucesso e o seu final feliz. Levaremos em consideração que os passos elucidados por Vogler (1997) e Campbell (1995) foram explorados de maneiras diferentes nas obras *Matilda* e *Oliver Twist*. Esses passos são ilustrados nos quadros a seguir:

Quadro 2 - Primeiro Ato – Apresentação

Mundo comum	Conhecemos o herói que está situado em seu mundo cotidiano e ordinário, uma pessoa comum.
Chamado à aventura	Algo impele o nosso herói na direção de uma busca, uma jornada, uma aventura.
Recusa do chamado	O herói reluta em empreender a jornada
Encontro com o mentor	O herói recebe um conselho, item ou ajuda de um mentor.
Travessia do primeiro limiar	O herói está diante do “ponto sem retorno”, o portal que leva ao mundo oculto. O herói atravessa o portal, cai, é arrebatado, transportado ou transformado. O herói deixa o seu mundo e se aventura no mundo desconhecido.

Fonte: Adaptação de VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*. Rio de Janeiro, Ampersand, 1997.

Quadro 3 - Segundo Ato – Conflito

Testes, aliados e inimigos	O herói tem de enfrentar provas ⁴⁰ que vão “qualificá-lo” como digno de vencer.
Aproximação da caverna oculta	De posse da “arma mágica”, o herói se aproxima do covil do inimigo.
Provação suprema	O embate com o antagonista
Recompensa	O herói conquista sua vitória e o “prêmio”

Fonte: Adaptação de VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*. Rio de Janeiro, Ampersand, 1997.

Quadro 4 - Terceiro Ato – Resolução

Caminho de volta	O herói inicia a jornada de volta para casa.
Ressureição	O herói é revivido por poderes sobrenaturais.
Retorno com o elixir	O herói emerge do mundo inferior com a “solução mágica.”

Fonte: Adaptação de VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*. Rio de Janeiro, Ampersand, 1997.

Novamente, enfatizamos que é preciso levar em consideração que os quadros citados devem ser adequados para cada história, já que são apenas mapas que servem à necessidade das análises. A seguir, analisaremos as trajetórias das personagens principais de *Matilda* e *Oliver Twist* com base nos dados apresentados acima.

Para Vogler (1991), o primeiro ato da trajetória do herói é a apresentação. Primeiramente, a apresentação do herói na história acontece com a exibição de um mundo comum, cotidiano, onde as personagens principais vivem serenamente, como sempre viveram, não tendo conhecimento de outros tipos de sociedade. Em *Oliver Twist*, esse período se dá com Oliver em sua moradia, com os padres e os demais órfãos, onde sofria calado, toda espécie de privação:

Geralmente a criança tem excelente apetite. Oliver Twist e seus companheiros sofriam durante meses as torturas de uma lenta consumpção, e a fome acabava por lhe transviar o espírito a ponto que um menino, alto demais para a idade que tinha e pouco acostumado a semelhante existência (seu pai tivera uma casa de pasto), insinuou um dia aos seus companheiros

⁴⁰ Usamos aqui o termo “provas” por ser mais comum no meio acadêmico quando falamos de jornada do herói. No texto original a expressão utilizada é “testes”.

que, se não tivesse maior porção de mingau por dia, receava devorar de noite o pequeno que dormia com ele, o qual era mais criança e débil; falando assim, tinha ele o olhar desvairado e faminto e os outros acreditavam que ele faria realizar a ameaça (DICKENS, 2013, p.44).

Era nesse ambiente em que Oliver passava fome por receber apenas uma pequena quantidade de comida diariamente e sofria abusos não apenas dos adultos, mas também das crianças mais velhas. É assim que a personagem principal de *Oliver Twist* é apresentada ao leitor. Em um dos primeiros capítulos da obra, Oliver apanha por estar com fome e pedir mais um prato de comida. Fica claro para aquele que lê que Oliver passou por momentos horríveis no início de sua vida, tendo que amadurecer mais precocemente que muitas crianças devido ao ambiente em que vivia.

Matilda também fazia parte de um ambiente cheio de menosprezo. Por mais que vivesse em uma moradia diferente de Oliver, uma casa de uma família de classe social média-alta, e não passasse fome como o garoto, Matilda sofria abusos psicológicos diariamente. O narrador de *Matilda* não apresenta trechos em que a garota passe por abusos físicos, como Oliver passava, mas os abusos psicológicos eram semelhantes para as duas personagens aqui analisadas. Ambas as personagens eram menosprezadas no início de suas infâncias, tendo que lidar com situações que não seriam consideradas saudáveis pelo ponto de vista da psicologia.

Na passagem de *Matilda* que exemplifica como a garota se via e era vista por sua família, com quem vivia no seu mundo comum, já citada anteriormente, o narrador afirma ser ruim as crianças serem tratadas como algo ruim, que não era necessário, mas que essa situação piora quando os pais de crianças extraordinárias as tratam como seres irritantes; o narrador ainda cita que, se por algum motivo, Matilda entrasse em casa com uma das pernas quebradas, os seus pais nem sequer perceberiam.

O segundo momento do primeiro ato da caminhada do herói começa com a sua partida para o chamado de aventura, quando ele começa a sua jornada. Isso significa que o destino convocou o herói e o transferiu para uma região normalmente desconhecida, repleta de perigos. O modo de como isso acontece em *Oliver Twist* se dá de forma mais clara do que em *Matilda*. Já que a primeira obra delimita a mudança de local, de sociedade para Oliver, quando o conselho municipal pede para o garoto escolher entre ficar com sua ama ou trabalhar para uma refeição, como observamos no seguinte excerto:

— Quer vir comigo, Oliver? — Perguntou o Sr. Bumble com majestade. Oliver estava a ponto de dizer que não desejava outra coisa, quando deu com os olhos na Sra. Mann, que ficara por trás da cadeira do bedel e lhe mostrara a mão em atitude de soco; compreendeu logo o que aquilo queria dizer, porque o pulso da boa velha tantas vezes lhe fora aplicado às costas que era impossível deixar de o ter em lembrança.

— A Sra. Mann vai comigo? — Perguntou o pobre Oliver.

— Não, é impossível — respondeu o Sr. Bumble —, mas há de ir vê-lo de vez em quando.

Não era isto consolador para a criança; mas, apesar da sua tenra idade, tinha ele já bastante sagacidade, para fingir um grande pesar de se ir embora; não lhe era difícil derramar lágrimas; fome e pancada fresca são muito úteis quando a gente precisa chorar; Oliver chorou naturalmente (DICKENS, 2013, p. 39).

Enquanto isso, Matilda não passa a viver em outra sociedade, mas entra em contato com uma parte da cidade que não conhecia, como podemos observar nos trechos a seguir:

Quase todas as tardes, Matilda ficava sozinha em casa. O irmão (cinco anos mais velho do que ela) ia para a escola. O pai ia para o trabalho e a mãe saía para jogar bingo numa cidade a doze quilômetros de distância. A sra. Losna era viciada em bingo e jogava cinco tardes por semana. Aquela tarde, depois que seu pai se recusou a lhe comprar um livro, Matilda saiu sozinha e foi até a biblioteca pública da pequena cidade onde morava (DAHL, 2010, p. 16).

O terceiro passo do primeiro ato, no qual ocorre a recusa do herói ao chamado da aventura, não acontece em nenhuma das obras aqui abordadas, já que ambas personagens principais aceitam prontamente os chamados para uma nova jornada. Não ocorre assim, também, o encontro com o mentor⁴¹ e a travessia do primeiro limiar, levando as personagens para o segundo ato da análise, o conflito – no qual elas passam por provas, fazem aliados e inimigos.

Os conflitos de *Oliver Twist* começam no trecho já abordado anteriormente, no qual o garoto analisa se deve ou não confiar em Fagin, e também se deve ajudar os bandidos a roubarem uma casa. A indecisão do garoto acontece devido ao fato de ele ter sido acolhido pelos bandidos, que apesar de cometerem crimes, tratam-no de uma forma muito melhor do que ele era tratado na paróquia em que morava antes de fugir. Porém, o modo como Oliver via o mundo e sua moral o impedem de ajudar aqueles que o acolheram a roubar uma casa.

É a partir desse momento que os aliados e inimigos de *Oliver Twist* são criados, possibilitando que o garoto se aproxime do senhor Brownlow e se afaste dos ladrões. Em relação a Matilda, os testes iniciam na sua própria casa, sem que ela precise

⁴¹ Nas duas obras aqui analisadas, o encontro com o mentor acontecerá no segundo ato da história.

deixar o seu mundo comum, como acontece com Oliver. Seus pais passam a ser tratados como inimigos, já que não a veem como um ser pensante, irritando Matilda:

Outra coisa. Ela se ressentia por ser chamada constantemente de ignorante e burra, quando sabia que isso não era verdade. A raiva dentro dela continuava crescendo e à noite, deitada na cama, Matilda tomou uma decisão: sempre que o pai ou a mãe fossem estúpidos com ela, iria vingar-se de alguma maneira. Uma ou duas pequenas vitórias a ajudariam a tolerar as idiotices deles e evitariam que ela ficasse louca. Você deve lembrar que ela ainda não tinha cinco anos. Pois não é fácil para uma criança tão pequena enfrentar um adulto todo-poderoso. Mesmo assim, Matilda estava decidida. Depois do que havia acontecido naquela noite diante da televisão, o pai era o primeiro da lista (DAHL, 2010, p. 25).

É interessante como os aliados e mentores de Matilda e Oliver Twist, além de serem pessoas letradas e de grande conhecimento, são apresentados juntamente com as provas. Esse encontro com o mentor é de suma importância em ambas as histórias, já que as personagens precisam de um mediador para conseguir resolver seus problemas e enfrentar os inimigos.

Oliver enfrenta o primeiro teste com seu mentor, quando ele pede para que o garoto devolva alguns livros para a livraria, para provar sua lealdade. Nesse momento da obra, o senhor Brownlow precisa devolver livros para o livreiro, porém o homem que normalmente faz isso para ele não pode fazê-lo nesse momento. Para resolver essa situação, o senhor Grimwig, amigo de Brownlow, sugere que Oliver entregue os livros ao livreiro, como prova de que ele não estava mais ligado aos bandidos. O garoto aceita a missão com alegria, enquanto Grimwig continuava a duvidar da sua lealdade, externando sua opinião a Brownlow, como vemos no seguinte trecho:

Oliver saiu, fez um sinal de adeus da esquina à velha, esta cumprimentou-o sorrindo, fechou a porta e entrou.
 — Vejamos — disse o Sr. Brownlow, tirando o relógio e pondo-o em cima da mesa. — Ele estará cá dentro de vinte minutos; daqui até lá é noite.
 — Pois você pensa seriamente que ele volta? — perguntou o Sr. Grimwig.
 — Duvida disso? — perguntou, ou melhor, replicou o Sr. Brownlow sorrindo. O sorriso deste irritou a contradição do amigo.
 — Sim, duvido — disse ele. — O pequeno está de roupa nova, leva alguns livros de preço, um bilhete de cinco libras no bolso; irá ter com os seus amigos camaradas, larápios como ele, e prega-lhe a peça na menina do olho. Se ele puser os pés nesta casa, consinto eu comer a minha cabeça (DICKENS, 2013, p. 93).

Uma das mentoras de Matilda aparece no momento em que ela passa por seu primeiro grande teste, sair sozinha de casa para ir até a biblioteca pública. Lá, a senhorita Felps a ajuda a entrar em contato com outros mundos, mesmo que literários:

Nas tardes que se seguiram, a sra. Felps não conseguia tirar os olhos daquela garotinha, que ficava sentada horas e horas na poltrona do fundo da sala, com o livro aberto no colo. O livro era muito pesado para Matilda segurá-lo levantado. Então ela o apoiava no colo e se inclinava para a frente para conseguir ler. Era estranho ver aquela pessoinha de cabelos escuros, cujos pés nem alcançavam o chão, sentada ali, totalmente absorvida pelas maravilhosas aventuras de Pip e da velha srta. Havisham, com sua casa cheia de teias de aranha, e pela magia que Dickens, o grande contador de histórias, tecera com suas palavras. O único movimento que a leitora fazia era erguer a mão de tempos em tempos para virar uma página. A sra. Felps sempre ficava triste quando chegava a hora de atravessar a sala e dizer: – São dez para as cinco, Matilda (DAHL, 2010, p.10).

A aproximação da caverna oculta, ou seja, do covil do inimigo, do segundo ato de Vogler (1997), acontece de forma bastante diferente para ambas as personagens. Matilda não necessariamente entra em lugar desconhecido ou que é de posse de um inimigo. É na escola, um ambiente hostil devido à presença da diretora, que ela utiliza sua “arma mágica”⁴² para combater a sua inimiga Taurino. Matilda enfrenta a diretora da escola que a acusa de colocar uma salamandra no seu copo. A garota nega tal feito e acaba por utilizar seus poderes mentais para virar o copo de água com a salamandra no peito da diretora. O segundo trecho mostra como isso aconteceu:

Mais uma vez o copo balançou. Ela [Matilda] empurrou com mais força ainda, desejando que seus olhos concentrassem mais poder. Então, muito devagar, tão devagar que ela mal conseguiu ver o que ia acontecendo, o copo começou a se inclinar para trás, cada vez mais, até equilibrar-se apenas sobre um lado de sua base. Ele oscilou por alguns segundos antes de, finalmente, virar de uma vez e cair com um ruído agudo sobre a mesa. A água e a salamandra serpenteante foram despejadas em cheio sobre o peito enorme da sra. Taurino. A diretora deu um grito que provavelmente fez estremecer todas as janelas do prédio e, pela segunda vez nos últimos cinco minutos, ela pulou da cadeira como um foguete. A salamandra agarrou-se desesperada ao tecido do casacão, sobre os peitos volumosos da mulher, firmando-se com as garras de suas patinhas. A Taurino olhou para baixo, viu a criaturinha viscosa, gritou mais alto ainda e, com um movimento rápido da mão, fez o bichinho sair voando pela classe (DAHL, 1998, p. 174).

A “caverna oculta” de Oliver Twist ocorre de forma mais literal, quando ele visita Fagin na cadeia e tem que se aproximar dele para escutar a verdadeira história da sua vida, porém é agarrado por Fagin. A “arma mágica” de Oliver não é um poder, como em *Matilda*, mas sim, pessoas, policiais que o livram das mãos de Fagin. Em um dos últimos capítulos da obra, Oliver decide, junto com o senhor Brownlow, conversar com Fagin para tentar descobrir o paradeiro dos papéis que contavam sobre seu passado. No excerto a seguir, vemos o desenrolar dessa conversa:

⁴² Termo utilizado por Vogler (1997).

— Os papéis — disse o judeu, achegando-se dele — estão em um saco de pano, em um buraco um pouco acima da chaminé na parte superior da casa; quero falar-lhe, meu pequeno, quero falar-lhe.

— Sim, sim — respondeu-lhe Oliver —, permita-me fazer uma oração por ti, peço por ti de joelhos e depois falamos até de manhã. [...]

— Oh, Deus! Perdoe esse homem — exclamou Oliver cheio de lágrimas.

— Certo, certo — disse Fagin —, isso irá me ajudar; se eu fraquejar ou tremer ao passar diante da forca, não faça caso e continue no caminho; apressa-te; [...]

— Apressa-te, apressa-te — exclamou Fagin —, com calma, mas sem vagar! Sem vagar!

Os homens livraram Oliver, empurrando o bandido para trás; ele ainda lutou com a força do desespero e depois gritou. Os gritos eram tão altos que incomodaram os visitantes enquanto eles atingiam o pátio (DICKENS, 2013, p. 478).

Ambas personagens passam por suas provações supremas logo em seguida da aproximação da caverna oculta. Oliver passa por um embate com Fagin, como mencionado acima, enquanto Matilda passa por sua provação quando enfrenta Taurino, mesmo que indiretamente, pela primeira vez, sem ao menos utilizar seus poderes telecinéticos. Nessa parte da obra, Taurino faz com que um aluno, Bruce Campônio, coma um bolo de chocolate gigante como punição por ter roubado um pedaço do seu bolo no dia anterior. O garoto, forçado a comer o bolo inteiro, começa a passar mal e Matilda, juntamente com colegas da escola, incentivam o garoto a continuar e finalizar o bolo, irritando e derrotando moralmente a diretora:

— A Taurino também não imaginou. — Matilda comentou. — Olhe para ela. Está ficando cada vez mais vermelha. Ela vai matar o Bruce se ele vencer.

O menino começou a diminuir o ritmo. Não havia dúvida. Mas ele continuava enfiando o bolo na boca com a perseverança obstinada de um corredor de longa distância que avista a linha de chegada e sabe que tem de prosseguir. Quando o último bocado desapareceu, o salão estremeceu com o barulho das aclamações entusiasmadas. As crianças pulavam nas cadeiras, batiam palmas e gritavam. [...]

A Taurino estava imóvel no estrado. Seu rosto equino estava da cor de lava incandescente, e seus olhos faiscavam de raiva. Ela encarou Bruce, que continuava sentado em sua cadeira como uma enorme lagarta empanturrada, repleto, entorpecido, incapaz de se mover ou de falar. [...]. De repente, a Taurino lançou-se para a frente e agarrou o grande prato de louça vazio, onde havia estado o bolo. Ergueu-o no ar e o baixou com força na cabeça do pobre Bruce Campônio, fazendo os estilhaços voarem pelo estrado.

Mas o menino estava como um saco cheio de cimento molhado. Nem com uma marreta seria possível machucá-lo naquele momento. Ele só sacudiu a cabeça e continuou sorrindo.

— Vá para o inferno! — gritou a sra. Taurino, antes de sair marchando do estrado, seguida de perto pela cozinheira (DAHL, 1998, p. 224-225).

No terceiro ato aqui analisado, a resolução, acontece de maneira leve nas duas obras. Oliver inicia o seu caminho de volta, quando passa a viver com o senhor Brownlow, iniciando a sua ressurreição quando perdoa seu irmão, como vemos em:

Conforme o testamento do pai, contudo, a Oliver caberia todo o dinheiro, mas o Sr. Brownlow, para dar uma chance de recuperação ao outro, propôs essa divisão, a que aceitou Oliver com prazer (DICKENS, 2013, p. 480).

O caminho de volta de Matilda não é para a sua casa em si, mas para uma vida mais tranquila. Após utilizar três vezes seus poderes telecinéticos contra Taurino, Matilda pode ir para a escola sem a pressão de estudar em um local no qual a diretora maltrata os alunos. Sua ressurreição, assim como a de Oliver, inicia quando sua mentora, senhorita Mel, a adota e ela se vê livre dos pais:

– Vamos, Harry – a mãe disse, empurrando uma mala para o banco de trás.
 – Por que não a deixa ficar, se é isso que a menina quer? Seria um peso a menos.
 – Estou com pressa – o pai disse. – Tenho que tomar o avião. Se ela quer ficar, que fique. Por mim, tudo bem.
 Matilda pulou para os braços da srta. Mel. Em questão de segundos, a mãe, o pai e o irmão estavam dentro da Mercedes, e o carro partiu cantando os pneus. O irmão acenou para Matilda pela janela, mas os outros dois nem olharam para trás. A srta. Mel continuou apertando a menina nos braços, e elas não disseram uma palavra, enquanto ficavam ali, paradas, vendo o enorme carro preto dobrar a esquina do fim da rua e desaparecer para sempre na distância (DAHL, 2010, p. 254).

Matilda e Oliver Twist não retornam com uma solução mágica e não voltam ao seu mundo comum, que era repleto de violência e desafeto. As personagens encontram seus finais felizes com famílias que os amam e cuidam, como podemos perceber no último parágrafo de Oliver Twist:

Agora que a narrativa está a se aproximar do seu final, a mão que a escreve hesita, pois desejaria contar ainda a continuação destas aventuras; descrever os amores de Rosa a seu jovem esposo; as alegrias com que todos assistiam ao crescimento de Oliver; enfim, descrever as ações caridosas que os dois órfãos, sem se esquecer do passado de misérias, realizam e, assim, repartem a felicidade que o espírito de Agnes, se passeia ele por aquele sítio, testemunha (DICKENS, 2013, p. 482).

A fim de tornar essa análise mais dinâmica visualmente, elaboramos quadros com base nos apontamentos feitos acima sobre a jornada do herói e as duas obras aqui analisadas:

Quadro 5 - Primeiro Ato

	<i>MATILDA</i>	<i>OLIVER TWIST</i>
Mundo comum	Menosprezo na sua casa	Vida de privação na paróquia
Chamado à aventura	Visita à biblioteca	Viagem para Londres
Recusa do chamado	-	-
Encontro com o mentor	Acontece posteriormente	Acontece posteriormente
Travessia do primeiro limiar	Leitura de livros para adultos	Participação na gangue

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 6 - Segundo Ato

	<i>MATILDA</i>	<i>OLIVER TWIST</i>
Testes, aliados e inimigos	Criação de vínculos afetivos na escola	Aproximação de Bronwlow
Aproximação da caverna oculta	Desentendimentos com a diretora	Início da descoberta sobre seu passado
Provação suprema	Salamandra na jarra	Visita à cadeia
Recompensa	Vingança	Descoberta do passado

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 7 - Terceiro Ato

	<i>MATILDA</i>	<i>OLIVER TWIST</i>
Caminho de volta	Expulsão da diretora	Vida no campo
Ressurreição	Adoção	Perdão ao irmão
Retorno com o elixir	Final feliz	Final feliz

Fonte: Elaborado pela autora.

Concluimos, assim, que as trajetórias de Matilda e Oliver Twist apresentam semelhanças e diferenças, mostrando que o herói moderno, assim como o herói mitológico de Campbell, é o indivíduo que tem a coragem de atender ao chamado e

empreender em sua busca, fazendo o seu próprio destino. Apontamos aqui, que apesar de as duas obras terem sido analisada sob a perspectiva de Campbell (1995), a personagem Matilda poderia ter sido analisado sob o ponto de vista da teoria da jornada da heroína de Maureen Murdock (1990), o que levaria a outras suposições e diferentes resultados.

4.3 LENDO COMO CRIANÇA

O tópico da criança leitora, já abordado anteriormente, necessita ser trabalhado novamente, à luz da teoria da literatura comparada, pela identificação das personagens principais, dado que ambas são infantes que leem. A criança leitora experiencia diferentes formas de ver o mundo nas diversas obras literárias que lê. Fica claro em ambas as obras, como acontece o primeiro contato de Matilda e Oliver Twist com o mundo literário, e serão essas semelhanças e diferenças abordadas aqui.

Iser (1980) aponta o ato de ler como uma transformação de perspectivas e mudanças na forma de ver a sociedade e o mundo em si. Para o autor, é em cada frase que o leitor compreende a realidade e a relaciona com o meio em que vive. Assim, a criança leitora precisa refletir sobre o sentido das palavras para experienciar aquilo que ainda não conhece. Em *Matilda*, isso acontece quando a personagem passa a refletir sobre como o pai trata ela e o irmão, sendo o garoto sempre o privilegiado das situações. No caso de Oliver, ele modifica sua forma de ver o mundo quando o Sr. Brownlow lhe apresenta os livros, ampliando seus conhecimentos culturais.

A principal diferença entre a construção da criança leitora nas duas obras é o incentivo que as personagens receberam. Matilda não foi, inicialmente, influenciada por adultos a ler. A garota começa a ler revistas e obras não literárias que tem em casa, como já mencionado anteriormente, e mesmo no início de sua formação, quando a menina decide ir para a biblioteca ler, ela não é incentivada. A senhora Felps a observa ler diversas obras infantis, mas não sugere obras ou interfere na leitura de Matilda. Há uma passagem de *Matilda* que evidencia como a senhorita Felps admirava a garota por ter ido sozinha a uma biblioteca, porém não ousa atrapalhar a leitura de Matilda.

Já *Oliver Twist*, ao contrário, é incentivado por senhor Brownlow, quando é recebido pela primeira vez em sua casa. Podemos perceber isso na primeira vez que Oliver vê a biblioteca particular de Brownlow, uma saleta cheia de livros que tinha uma janela que dava para o jardim, na qual Oliver passa a conhecer pela primeira vez, de acordo com a narrativa, um lugar dedicado especialmente para a leitura, como já mencionado no capítulo 3. No trecho, o senhor Brownlow convida Oliver a sentar perto de sua mesa. O narrador mostra como Oliver fica admirado por haver uma pessoa capaz de ler tantos volumes e escritos. O garoto fala para o senhor que nunca havia lido tantos livros assim, e este lhe responde “— Há de lê-los — disse o Sr. Brownlow com bondade — e há de achar mais gosto do que em ver a encadernação; nem sempre, porque há livros cujo valor está todo na capa. ” (DICKENS, 2013, p. 138). Apenas nessa curta passagem percebemos como Oliver se encanta desde o primeiro momento com a biblioteca e como a sua formação leitora foi incentivada pelo senhor Brownlow.

Porém, existem semelhanças na representação leitora das duas crianças. Ambas personagens são incentivadas por seus mentores - senhorita Mel e senhor Brownlow, - a continuar o gosto pela leitura. Senhor Brownlow alfabetiza Oliver e lhe empresta obras literárias, enquanto senhorita Mel sugere outras obras, literárias ou não, à Matilda, a fim de a garota aumentar o seu conhecimento de mundo.⁴³

Não apenas o incentivo ao hábito da leitura é uma semelhança entre as duas personagens. Em *Oliver Twist*, o narrador dá a entender que as obras lidas pelo garoto são de cunho clássico. Se analisarmos a lista de leitura de Matilda, percebemos que todas as obras lidas pela garota são conhecidas mundialmente até os dias atuais.

Calvino (1991) afirma que um clássico é aquele livro que nunca termina de dizer aquilo que tem para dizer; são obras que deixam traços na cultura ou culturas que atravessaram. A leitura de clássicos, que ocorre em ambas as obras, pode ser considerada, assim, uma maneira de transformar a forma como as personagens principais enxergam o mundo. Tendo em vista que “os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente

⁴³ As passagens do livro que representam essas situações já foram citadas nesta dissertação, por isso não cabe repeti-las novamente.

coletivo ou individual” (CALVINO, 1991, p. 23). Calvino (1991) ainda fala sobre a releitura dos clássicos, o que não é citado em nenhuma das obras aqui analisadas.

O narrador de *Matilda* cita algumas vezes que a garota leu todos os livros da seção infantil da biblioteca, além dos clássicos mais conhecidos, mas, ele não narra se ela os releu ou não. Calvino (1991) acredita que a releitura é importante porque, apesar de os livros permanecerem os mesmos, as pessoas mudam sua forma de lê-los, sendo toda releitura de um clássico uma leitura de descoberta, como a primeira.

Assim sendo, podemos concluir que, assim como quaisquer outras crianças, a representação leitora de *Matilda* e *Oliver Twist* aconteceu de formas diferentes. No entanto, algumas apresentam semelhanças que merecem destaque, tais como o incentivo de adultos que não faziam, inicialmente, parte de suas famílias e o modo em que ambas as personagens se sentem acolhidas, desde o primeiro momento, pela imensidão das primeiras bibliotecas que lhes foram apresentadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verdadeira diferença entre a construção e a criação é esta: uma coisa construída só pode ser amada depois de construída, uma coisa criada ama-se mesmo antes de existir.

Charles Dickens

Como em todo estudo, este chega a sua etapa final, mas não se encerra, permanece fluindo e gerando novos significados. É preciso, na conclusão de cada caminho, examinar o meio, a fim de tecer novos relatos e perceber novas conexões. Ao iniciar este trabalho, propomos as análises dos contextos socioculturais nos quais as obras *Matilda* e *Oliver Twist* foram escritas. Antes mesmo de começar a escrever o texto, já sabíamos de algumas semelhanças entre as sociedades dos livros e aquelas nas quais as obras foram escritas. Todavia, apenas com uma análise mais profunda podemos perceber as reais similitudes e diferenças entre aquilo que era literário e aquilo que foi escrito em obras de cunho histórico.

A literatura não é e nem pode ser considerada apenas entretenimento. Por estar tão ligada ao sistema de valores vigentes nas sociedades, ela também pode servir como crítica social (COELHO, 2000). A literatura possui uma função formadora, muito além de uma missão pedagógica. Ela dá conta de uma tarefa ligada à cultura, de conhecimento do mundo e de si mesmo. Zilberman (2003, p. 54) afirma que “ela [a literatura] propicia elementos para uma emancipação pessoal, que é a finalidade implícita do próprio ser”. A leitura, assim, pode converter o leitor em um ser crítico, principalmente quando traz realidades diferentes para aquele que lê.

A literatura sempre esteve ligada à sociedade, moldando suas crenças e valores. A produção literária torna-se então um fenômeno social que influencia leitores e não leitores, já que expressa questões sociais e históricas. Coelho (2000) afirma que entre todas as diferentes manifestações de Arte, é a literatura que atua de maneira mais profunda e essencial, com o intuito de divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade. A forma de ler e escrever revela o modo como determinada sociedade funciona, podendo expor os lados positivo e negativo do meio social. A forma com que o pensamento se organizava era definida de acordo com o funcionamento de determinada sociedade. Velloso (1988) explicita:

Ao longo de nossa história político-intelectual, as mais diferentes correntes de pensamento tenderam a conceituar a literatura enquanto instância

portadora e/ou refletora do mundo social. Assim, a produção literária aparecia como reflexo imediato e diretamente condicionado pela ordem social. Raros foram os nossos autores que se rebelaram contra esse paradigma de análise, buscando formas alternativas para pensar a relação literatura-sociedade. Os que tentaram esse caminho foram tachados de alienados, alienígenas, e definitivamente proscritos da legião dos escritores consagrados. Afinal, a grande acusação que sobre eles pesava era séria: desconhecer a nação! (VELLOSO, 1988, p. 1).

A literatura é uma representação da sociedade, podendo modificar e também negar conceitos nela existentes. *Matilda* e *Oliver Twist* apresentam situações que podem ser consideradas críticas às sociedades em que as obras foram escritas, embora elas sejam diferentes. Começaremos, então, com *Oliver Twist*, cujo narrador, já no início do primeiro capítulo, aponta a industrialização e a pobreza da Inglaterra:

Dentre os vários monumentos públicos que enobrecem uma cidade da Inglaterra, cujo nome tenho a prudência de não dizer, e à qual não quero dar um nome imaginário, um existente comum à maior parte das cidades grandes ou pequenas: é o asilo da mendicidade (DICKENS, 2013, p. 29).

Além disso, durante o século XIX, que tinha a família como base, mulheres que engravidassem e não fossem casadas eram consideradas à margem da sociedade. O médico que cuidou da mãe de Oliver reproduz a opinião da época, que mulheres que se tornassem mães deveriam ser casadas:

O médico pôs o chapéu na cabeça e, dirigindo-se para a porta, parou junto da cama e disse:
 — Era bonita! De onde veio ela?
 — Trouxeram-na ontem à noite — respondeu a velha — por ordem do inspetor; foi achada na rua; fizera um longo trajeto, porque os sapatos estavam em frangalhos; mas de onde vinha e para onde ia? Ninguém sabe dizer.
 O médico inclinou-se para o corpo e, levantando a mão esquerda da defunta, disse abanando a cabeça:
 — Sempre a mesma história; não tem anel de aliança... não era casada... Boa noite! (DICKENS, 2013, p. 31).

Segundo Colling (2004, p. 25), o poder da sociedade pode se dar “[...] de duas maneiras: como poder repressor ou como poder normativo. No primeiro caso, proíbe, nega, mata, anula; no segundo, nos incita a atuar, a produzir, a falar, gerando uma rede de dominação, um entremeado poder/saber.” Percebe-se, na obra *Oliver Twist*, a presença de duas espécies de poder apresentadas por Colling (2004), sendo o poder repressor representado pelas agressões físicas sofridas pelas mulheres, como as que Nancy sofria, e o poder normativo executado pelas leis e costumes da sociedade local.

Assim, no final do século XIX, a presença do poder masculino sobre o feminino era observável em praticamente toda a sociedade. Assim, as mulheres que agiam como os homens eram consideradas mulheres da vida. O narrador dessa obra de Dickens não apenas critica o modo como as mulheres eram vistas e tratadas na Era Vitoriana, como também exemplifica como a educação e criação dos menos afortunados acontecia. Aqueles que eram abandonados por seus pais e mães iriam para casas adotivas, orfanatos ou paróquias, sendo mal alimentados (CHRIST, ROBSON, 2005). O narrador de *Oliver Twist* escreve sobre o sistema educacional da época:

Tal sistema de educação não daria às crianças muita força nem grossas banhas. No dia em que completou nove anos, Oliver Twist era um pirralho, amarelo como um defunto e singularmente magro (DICKENS, 2013, p. 35).

O narrador de Dahl também apresenta críticas ao sistema de educação da época, mas no caso, ele escreve sobre os anos de 1980. Os educadores dessa obra de Dahl são apresentados como profissionais que não gostam de sua profissão. Para o narrador de *Matilda*,

[os] professores sofrem muito tendo que ouvir pais orgulhosos falarem todas essas bobagens, mas geralmente conseguem se vingar na hora de escrever os relatórios de fim de ano. Se eu fosse professor, tramaria verdadeiras sapecadas para os filhos desses pais babões. Eu diria: “Seu filho Maximiliano é um caso perdido. Espero que haja algum negócio de família onde possam enfiá-lo quando ele terminar a escola, pois com certeza não vai conseguir emprego em nenhum outro lugar.” Ou, se no dia eu estivesse mais lírica, talvez escrevesse: “É curioso que os gafanhotos tenham seus órgãos auditivos nas laterais do abdômen. Sua filha Vanessa, a julgar pelo que ela aprendeu neste ano, não tem órgão auditivo nenhum.” (DAHL, 1998, p. 1-3).

O narrador de *Matilda* também critica como a família era vista em 1980. Já apontamos que a família de Matilda era diferente das famílias da época em que a obra foi escrita. Ariès (1981), aponta que a criança passou a ser o centro da família a partir do início do século XX. Porém, para a família de Matilda, o centro familiar era a tecnologia, representada pela televisão. O narrador elucida isso em uma cena que acontece durante um jantar rotineiro:

Eles estavam na sala de estar, jantando na frente da televisão, cada um com seu prato no colo. Eram daquelas refeições compradas prontas, que vêm em pratos de alumínio, com divisões para a carne ensopada, as batatas cozidas e as ervilhas. A sra. Losna mastigava com os olhos grudados na novela. Era uma mulher alta, tinha os cabelos tingidos de loiro platinado, com alguns pedacinhos castanhos crescendo perto das raízes. Usava muita maquiagem e tinha as formas bojudas, como se a carne tivesse sido amarrada ao corpo para não despencar (DAHL, 1998, p. 22).

Em um segundo momento, analisamos o processo de representação da criança leitora, assunto já estudado anteriormente, mas que foi investigado de forma mais profunda, o que nos levou à exposição de como a representação das crianças leitoras ocorria nas duas décadas aqui analisadas. Nessa perspectiva, notamos que o modo como cada criança é exposta ao meio literário se dá de forma diferente, o que influencia na sua representação como leitor. Oliver Twist é apresentado aos livros anos depois de nascer, longe do lugar onde nasceu, quando pensava que obras literárias eram para aqueles que tinham mais poder financeiro. O garoto só foi alfabetizado e exposto ao mundo da leitura quando passou a ser amado e finalmente adotado por senhor Brownlow. Enquanto isso, Matilda sempre esteve em contato com o mundo das letras, mesmo sem perceber a garota se auto alfabetizou e mudou o seu modo de ver o mundo. Fato que não aconteceu com o incentivo de sua família, que só priorizava a televisão e os negócios. A garota, por conta própria, começou a ler e foi à biblioteca pública mais perto de sua casa a fim de conseguir mais conhecimento para compreender o mundo ao seu redor.

Nesta pesquisa, em um terceiro momento, podemos perceber quais aspectos da obra *Oliver Twist*, de Charles Dickens podem ter influenciado na representação da criança leitora representada na personagem título da obra *Matilda*, de Roald Dahl. À luz da teoria comparada conseguimos destacar excertos e situações apresentadas nas obras que elucidam semelhança e diferenças entre as personagens de Matilda e Oliver Twist. Foram examinados os contextos socioculturais apresentados nas obras *Matilda* e *Oliver Twist*, reconhecidas as configurações de identidade da criança leitora evidenciadas nos espaços social e cultural presentes nessas obras e comparados o livro *Oliver Twist*, de literatura infanto juvenil clássica, de Charles Dickens, com comportamentos e atitudes da criança representados na obra *Matilda*, ajudando a elucidar como a representação da criança leitora pode ocorrer.

Salientamos que ambas as personagens principais aqui analisadas passaram a primeira parte da sua infância em ambientes hostis e sem contato com a literatura. Tanto Matilda quanto Oliver Twist por vontade própria decidiram sair desses ambientes em que viviam para tentar encontrar um no qual eles fossem mais amados. No caso de Matilda, ela não deixa a sua família, em um primeiro momento mas passa a frequentar inicialmente a biblioteca e, após, a escola, a fim de ter um refúgio e um local em que pudesse estar em contato com a literatura. Oliver Twist toma uma atitude

mais drástica e foge do lugar onde vive e acaba por encontrar outro lugar que não lhe traz segurança. Por fim, Oliver encontra uma família, o senhor Brownlow, que o ajuda e o introduz ao mundo da literatura.

Os primeiros contatos de Matilda e *Oliver Twist* com a literatura aconteceram de forma semelhante. Nenhuma das personagens estava procurando livros, mas eles as encontraram. Matilda começa a ler livros de receitas perdidos em sua casa e Oliver, sem intenção, participa do assalto. Apenas após a mediação de senhorita Felps, senhorita Mel e do senhor Brownlow que as crianças das obras entram em profundo contato com o meio literário.

Ao que diz respeito ao fato de Matilda ter sido influenciada pela leitura de *Oliver Twist*, como foi abordado no início da pesquisa, entendemos que cada obra que lemos deixa uma marca. Assim sendo, não apenas o livro de Dickens aqui analisado pode ter modificado a forma de pensar de Matilda, como também todas as outras histórias que estavam na lista de leitura da garota podem ter feito isso.

Dessa maneira, segundo a literatura comparada, fatores sociais, culturais e políticos podem estar representados em obras literárias, como representação das sociedades em que foram escritas. Nenhuma das personagens aqui estudadas tinha boas relações com os adultos no início de suas infâncias. Ambas as crianças só passaram a conhecer o real significado de família quando foram apresentados a pessoas que se tornariam parte de suas famílias adotivas.

O fato de tanto Matilda quanto *Oliver Twist* terem passado por diversas provas, só confirmou o que era suposição no início dessa dissertação: que ambos passaram pela jornada do herói proposta por Campbell (1995).

Considerando todas as questões abordadas, fica evidente a importância da leitura na representação da criança como ser social, já que a literatura é considerada um meio formador de opiniões. Nessa relação, foi significativo comparar as duas obras literárias a fim de verificar semelhanças e diferenças na representação da criança leitora, resignificando o que tínhamos como verdade no início desses estudos.

Não pretendemos, com esse capítulo, finalizar um círculo de ideias propostas neste estudo, mas utilizá-las para um futuro projeto de doutorado com temas relacionados às personagens femininas que não foram amplamente analisadas aqui, como Nancy e senhorita Mel, além de Taurino e a cuidadora de Oliver, que provavelmente ocupam lugares opostos nas vidas das personagens crianças aqui analisadas.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
- BAGNO, Marcos. Fábulas Fabulosas. In: *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação: 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. São Paulo: Forense Universitária, 2010.
- BARBOSA, Renata Cerqueira. A Inglaterra Vitoriana e os usos do passado: Literatura e Influências. *Anais eletrônicos da XXIV Semana de História: Pensando o Brasil no Centenário de Caio Prado Júnior*. São Paulo: UNESP, 2007.
- BEAUVAIS, Clémentine. Child Giftedness as Class Weaponry: The Case of Roald Dahl's *Matilda*. *Children's Literature Association Quarterly*. Texas, ano 3, n.40, p.277-293.
- BIASIOLI, Bruna Longo. As interfaces da literatura infanto-juvenil: panorama entre o passado e o presente. *Terra roxa e outras terras: revista de estudos literários*. Londrina: 2007, v. 9, p. 91-106.
- BISSOLI, Michelle de Freitas; CHAGAS, Lilane Maria de Moura. *Infância e Leitura: formação da criança leitora e produtora de texto*. Manaus: Valer, 2012.
- BONIATTI, Ilva Maria B. *Literatura comparada – memória e região*. Caxias do Sul: Editora EDUCS, 2000.
- BONNICI, Thomas. ZOLLIN, Lúcia Osana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo, Companhia de bolso, 1991.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo, Editora Cultrix/Pensamento, 1995.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre o Azul, 2004.
- CARVALHAL, Tânia. Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p. 9-21, 1991.
- _____. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. Teorias em literatura comparada. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro, ano 2, n.2, p. 9-17, 1994.
- _____. Encontros na travessia. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro, ano 7, n.2, p. 169-182, 2005.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Literatura infantil: estudos*. São Paulo: Lotus, 1959.

ČÁSENSKÁ, Petra. *Charles Dickens and the Portrait of Victorian England*. 2016. Tese (Doutorado em educação) – Universidade do sul da Budejovice Checa, República Checa.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. Vol. I. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CEVASCO, Maria Elisa. SIQUEIRA, Valter Lellis. *Rumos da Literatura Inglesa*. São Paulo: Ática, 1985.

CHAGAS, Lilane Maria de Moura. DOMINGUES, Chirley. A literatura infantil na alfabetização: a formação da criança leitora. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 1, jan. /abr. 2015, p. 77-95.

CHRIST, Carol T. ROBSON, Catherine. The Victorian age. IN: GREENBLATT, Stephen. ABRAMS, M. *The Norton anthology of English literature*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company Inc., 2005.

_____. The Victorian age. IN: GREENBLATT, Stephen. ABRAMS, M. *The Norton anthology of English literature Second Edition*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company Inc., 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Peiropólis, 2000.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: *Gênero e cultura: Questões Contemporâneas*. 1. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Tradução de Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.

DAHL, Roald. *A fantástica fábrica de chocolate*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Matilda*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

DAVIS, Paul. *Critical Companion to Charles Dickens: a library reference to his life and work*. Nova Iorque: Facts on file, 2006.

DICKENS, Charles. *Nicholas Nickleby*. São Paulo: Amaryllis, 2012.

_____. *Oliver Twist*. São Paulo: HEDRA, 2013.

EINCHENBERG, Renata Cavalcante. Ler e brincar na escola: uma combinação possível para formar leitores. *Revista Universidade de Santa Catarina*. Santa Cruz do Sul: 2007, v. 32 n 53, p. 110-119.

FERSNO FERNÁNDEZ, Mercedes del. *Matilda: Realismo y sátira en la obra de Dahl*. Madri: Universidad Complutense de Madrid, 2009.

GALBRAITH, Mary. Hear me cry: a manifesto for and emancipatory childhood studies approach to children's literature. *The Lion and the Unicorn*, Maryland, v. 25, n. 2, p. 187-205, 2001.

GREENBLATT, Stephen. ABRAMS, M. *The Norton anthology of English literature*. Nova Iorque: W. W. Norton & Company Inc., 2006.

- GUYARD, Marius-François. Objeto e método da literatura comparada. IN: COUTINHO, Eduardo F. CARVALHAR, Tânia Franco. *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HELENA, Lucia. A construção da literatura comparada na história da literatura. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro, n.2, p. 40-46, 1994.
- HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- HOBBSAWN, Eric. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- IANNI, Octávio. *A sociedade global*. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- ISER, Wolfgang. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Trad. Maria Angela Aguiar. *Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre: 1999, v. 3, n. 2.
- JORDAN, John O. *The Cambridge Companion to Charles Dickens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- KARAVITIS, John V. Matilda and the philosophy of education or, what's an education for?. In: *Roald Dahl and Philosophy: a little nonsense now and then*. Maryland: Rowman & Littlefield, 2014.
- KLEIMAN, Angela B. Abordagens da leitura. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 13-22, 1º sem. 2004
- KRUG, Flavia Suzana. A importância da leitura na formação do leitor. *Revista de educação do IDEAU*. Erechim: 2015, v. 10, n. 22.
- LAJOLO, Marisa. *A formação do leitor no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LUCKENS, Rebecca J. *A critical handbook of children's literature*. Boston: Person Education Inc., 2007.
- MALKOVICH, Amberyl. *Charles Dickens and the Victorian child: romanticizing and socializing the imperfect child*. Nova Iorque: Taylor and Francis, 2013.
- MCCLELLAND, Joli Barham. *Roald Dahl and Philosophy: A Little Nonsense Now and Then*. MD: Rowman & Littlefield, 2014.
- MENEGASSI, Renilson José. Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor. *Revista UNIMAR*. Maringá: v.17, p. 85-94, 1995.
- MORETTI, Franco. *A literatura vista de longe*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.
- NEWSON, Robert. Fictions of childhood. IN: *The Cambridge Companion to Charles Dickens*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- OLIVEIRA, Rosane de Machado. Literatura Infantil: A importância no processo de alfabetização e letramento e no desenvolvimento social da criança. *Revista científica multidisciplinar núcleo do conhecimento*. São Paulo: 2017, v. 13, n. 1, p. 375-394.

ONU. *Declaração Universal dos Direitos da Criança*. 1959. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm. Acesso em 14/04/2019.

PAROISSIEN, David. *Companion to Charles Dickens*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2011.

PETZOLD, Dieter. Wish-fulfilment and subversion: Roald Dahl's Dickensian Fantasy Matilda. *Children's Literature in Education*, Reino Unido, v.23, p. 185 – 193, 1992.

POPE, James. ROUND, Julia. *Children's Responses to Heroism in Roald Dahl's Matilda*. Holanda: Springer Netherlands, 2015.

RABELO, Lorena Melo. *A fantástica fábrica de contos inesperados: traduzindo Roald Dahl*. Monografia (Graduação em Letras-Tradução) – Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

RIBAS, Maciel Marcos. *Entendendo o sistema educacional vitoriano: realidade e ficção em Jane Eire e Oliver Twist*. 2010. Monografia (Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RUSSEL, David L. *Literature for children: a short introduction*. Boston: Pearson, 2012.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. ZINANI, Cecil Jeanine Albert. (orgs.). *Mulher e literatura: história, gênero, sexualidade*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

SELDEN, Raman; WIDDOWSON, Peter; BROOKER, Peter. *A reader's guide to contemporary literary theory*. Edinburgh: Pearson Education Limited, 2005.

SILVA, Marisa Corrêa. Crítica sociológica. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.

STREY, Marlene Neves. CABEDA, Sonia T Lisboa. PREHN, Denise Rodrigues. *Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, Eneida Maria de. Literatura comparada: o espaço nômade do saber. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro, ano 1, n.2, p. 19-24, 1992.

TALBOT, Margaret. The candy man: why children love Roald Dahl's stories and many adults don't. In: *The New Yorker*. 11 jul. 2005. Disponível em: <<http://www.newamerica.net/node/7509>>. Acesso em: 8 jul. 2018.

VELLOSO, Monica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988. p. 239-263.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A história do século XX*. Porto Alegre: Novo século, 1998.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor*. Rio de Janeiro, Ampersand Editora, 1997.

ZOLIN, L. Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009.

ZILBERMAN, Regina. MAGALHÃES, Ligia Cademori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1984.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

_____. Literatura infantil para crianças que aprendem a ler. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 52, 1985, p.79-83.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Da tessitura ao texto: percursos da crítica feminista*. Caxias do Sul: Educs, 2012.

_____. Estudos culturais de gênero e estética da recepção: leitura na perspectiva feminina. *Nonada Letras em Revista*. Porto Alegre, ano 15, n.19, p.145-157, 2012.